

ORLANDO DE MACEDO JÚNIOR

**ANÁLISE PRAGMÁTICA NO DISCURSO DA TELEVISÃO:
REFLEXOS NA ADOLESCÊNCIA**

CURITIBA
2001

ORLANDO DE MACEDO JÚNIOR

**ANÁLISE PRAGMÁTICA NO DISCURSO DA TELEVISÃO:
REFLEXOS NA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação para a obtenção do título de Especialista do Curso de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação, do Departamento de Comunicação Social, setor de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Jair Antonio de Oliveira.

CURITIBA
2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e compreensão durante a elaboração desse trabalho, bem como àqueles que tornaram possível a sua concretização. Agradeço ainda ao meu orientador, professor Jair Antonio de Oliveira, pelo estímulo, fruto das discussões teóricas.

E compreendo melhor porque eu sentia tanta dificuldade em começar, há pouco. Sei bem, agora, qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me carregasse, me convidasse a falar e habitasse meu próprio discurso. Sei o que havia de tão temível em tomar a palavra, pois eu a tomava neste lugar de onde o ouvi e onde ele não mais está para escutar-me.

Michel Foucault

SUMÁRIO

RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	1
1 REFERENCIAL METODOLÓGICO	7
1.1 O PROCESSO DA PESQUISA	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 O MEIO TELEVISIVO E SEUS ASPECTOS ECONÔMICOS	11
2.2 A LINGUAGEM TELEVISIVA E A RECEPÇÃO	16
2.3 A PRAGMÁTICA	21
2.3.1 Os precursores	22
2.3.2 O pragmatismo americano	23
2.3.3 A Pragmática voltada às relações sociais	27
2.3.4 Os estudos dos Atos de Fala	29
2.3.5 A Semântica da Enunciação	31
2.3.6 A Pragmática para este trabalho	32
2.3.7 Algumas noções fundamentais	34
2.4 A LINGUAGEM HUMANA	42
2.4.1 A linguagem humana na visão da Pragmática	44
2.4.2 A linguagem como socialização	47

2.4.3 O uso da linguagem pelo adolescente	49
2.5 REFLEXOS NO PROCESSO EDUCACIONAL	53
3 PRAGMÁTICA E O PROGRAMA “MALHAÇÃO”	58
CONCLUSÃO.....	63
ANEXO 1 – HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO.....	66
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO / INDICAÇÃO DE PROGRAMA.....	67
ANEXO 3 – GÍRIAS E NEOLOGISMOS DE CAPÍTULOS GRAVADOS.....	68
ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO / ANÁLISE DA LINGUAGEM.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão do uso das teorias estudadas pela ciência lingüística da Pragmática feitas pela mídia televisiva para atingir determinado público-alvo. Procura investigar de que forma o conteúdo dos textos desenvolvidos pela novela “Malhação”, da Rede Globo, consegue, até certo ponto, influenciar a escolha de termos lingüísticos que incorporados ao vocabulário dos adolescentes a que assistem e de que maneira as teorias pragmáticas são apropriadas pelos texto do programa para melhor obter esta influência. Assim, os adolescentes incorporam novas palavras e expressões para a sua própria linguagem e as utilizarão nas suas relações sociais. Lembrando que os sujeitos que fizeram parte da pesquisa, além de serem adolescentes, também são estudantes, no caso do Ensino Médio, e que irão estender a sua linguagem para o ambiente escolar, podendo causar situações que os profissionais em educação ainda não compreendem como analisar, respeitar e trabalhar.

INTRODUÇÃO

A busca por índices de audiência da mídia televisiva, leva-a sempre pelo caminho da inovação dos conteúdos dos seus programas, não apenas na temática, mas principalmente no contínuo trabalho de renovação da linguagem; principalmente porque é preciso considerar, sempre como vital, atingir o público-alvo da maneira mais intensa e que corresponda ao interesse do espectador e resulte na fidelidade.

Não será apresentada uma discussão se este meio de comunicação cumpre ou não sua responsabilidade social, se está para auxiliar o campo da informação ou para buscar o entretenimento; se é responsável por contribuir com a alienação ou em estimular a "deseducação" do telespectador. Apenas se realiza uma abordagem para um estudo que visa à verificação da influência da televisão na linguagem de uma parcela de um determinado público espectador.

Outro ponto relevante é que os programas televisivos, na incansável busca dos resultados na audiência, acabaram por se tornar fragmentados, dirigidos a inúmeros grupos de espectadores que podem ser diferenciados por várias categorias, com diversas classificações, como por exemplo, faixa etária, sexo, crenças, hábitos de lazer ou compras, entre outras. Mas o essencial não se perdeu, a audiência é a chave do sucesso comercial e sobrevivência dos programas que preenchem os horários da televisão.

E os adolescentes, dentro desta concepção, acabaram sendo alvo da audiência. Nas últimas décadas, este grupo etário ganhou estudos, pesquisas e análises, mas, principalmente, o respeito do mundo comercial, pois são capazes de se identificarem rapidamente com os objetos de consumo voltados para eles. Além disso, tornaram-se também um grande fator de influência e decisão na hora da aquisição destes produtos. E o investimento neste novo nicho de mercado também atinge a mídia televisiva, pois ela procura captar os recursos dos anunciantes para seus programas oferecendo em troca os números da audiência. Assim, nos últimos anos, surgem vários programas que estão, de uma forma ou de outra, voltados para os adolescentes.

Nesta “guerra” pela atenção, interesse e apreensão deste público, os programas de televisão optaram principalmente em respeitar a linguagem que é característica ao adolescente, no caso a gíria, como forma de criar e manter o elo de ligação entre público e programa. Com isto é possível perceber que alguns conceitos oriundos da Lingüística são absorvidos e utilizados pela produção destes programas.

No caso específico deste trabalho, o que se procurou investigar foi a utilização de teoria e conceitos estudados pela Pragmática por parte da mídia televisiva para obter audiência de um determinado público-alvo. Também, de que maneira ocorreu a influência que esta ciência propicia junto à linguagem utilizada por estes telespectadores juvenis. Ou seja, que os programas de televisão usam conceitos da Pragmática para determinados finalidades que podem causar conseqüências no público-alvo, como a aquisição de novos termos e palavras em

seus vocabulários e que serão incorporados e utilizados nas suas relações sociais.

Para realizar esta análise foi escolhido o programa "Malhação", da Rede Globo. Esta escolha foi feita após pesquisa quantitativa realizada com estudantes de uma instituição de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino do Paraná. O trabalho também demonstrou a preocupação em tentar reconhecer o processo de influência na linguagem utilizada por estes adolescentes enquanto estudantes. Ainda mais além, surgiu o interesse em tentar analisar as conseqüências desse processo nas relações interpessoais cotidianas destes adolescentes no ambiente escolar.

Para melhor compreensão, a televisão, dentro de uma visão comercial, sempre busca novos mercados de consumo e há algum tempo os adolescentes têm se tornado um nicho importante dentro deste sistema. Assim, foram criados programas televisivos que buscam atingir este público-alvo. Para que se tenha um maior sucesso nesse investimento fica evidente o estabelecimento de um processo que crie, desenvolva e mantenha uma empatia entre o programa e seus telespectadores.

A Pragmática entra nesse processo, pois alguns de seus postulados podem ser utilizados pela produção dos programas para criarem, desenvolverem e manterem este vínculo de empatia entre o telespectador e o programa em si. A maneira mais presente desta condição é através da linguagem. Portanto, a veiculação de determinados termos lingüísticos no programa de TV pode ocasionar uma apropriação por parte dos telespectadores e, inclusive, acarretar no

uso destes mesmos termos lingüísticos posteriormente nas relações interpessoais cotidianas.

Dentro de um processo social, a linguagem é o recurso fundamental para se iniciar o ato comunicacional e nada mais necessário que os programas de televisão estejam atentos a esta situação e busquem se aproximar da linguagem utilizada pelos adolescentes para concretizar os seus objetivos.

Porém, esta mesma ação acaba por criar novos modelos lingüísticos de palavras e expressões que vão ser incorporados ao vocabulário destes adolescentes, sendo utilizados de maneira comum em todas as suas relações do cotidiano. Normalmente, estes adolescentes freqüentam, dentro dos modelos educacionais, o Ensino Médio e apresentarão na escola as influências que os programas veicularam nas suas relações sociais, não apenas nos grupos que se inserem, mas também junto aos professores.

O programa "Malhação", da Rede Globo, é considerado uma novela, e as veiculações dos capítulos – durante a pesquisa deste trabalho – ocorreram de segunda a sexta-feira, às 17h35.

Além da procura pela identificação do uso de postulados da Pragmática na produção da linguagem televisiva é o eixo principal que orienta este trabalho; porém, houve o intuito de tentar verificar como esta linguagem televisiva interfere no aspecto lingüístico do adolescente, e o uso que este faz nas suas relações interpessoais no ambiente escolar; e por último ver a possibilidade de identificar a apropriação dos novos vocábulos e sua utilização como em seus ambientes sociais, principalmente na escola.

Outro questionamento que foi levantado, para iniciar o trabalho, está alicerçado na hipótese de que a televisão, visando aos interesses mercadológicos, cria programas voltados para um determinado público, no caso, adolescentes.

Outra análise em questão é se a Pragmática e os seus conceitos podem ser considerados ao se desenvolver a linguagem dos programas televisivos, bem também se este processo realizado pela televisão é responsável, em boa parte, em influenciar a linguagem dos adolescentes, através dos mesmos programas que ela utiliza.

Ainda no campo das conjecturas, questiona-se sobre a percepção ou não por parte dos adolescentes da influência oriunda dos programas, incorporando naturalmente os neologismos e barbarismos criados pela televisão, ou percebem esta influência mas optam em utilizá-las por determinadas razões.

E por fim, teve-se em mente que os adolescentes utilizarão as novas aquisições lingüísticas em todos os espaços que venham a freqüentar, principalmente no ambiente escolar, lembrando que normalmente que esses adolescentes estão matriculados no Ensino Médio.

Após a introdução, uma breve apresentação sobre a metodologia adotada para a realização deste trabalho e os processos de pesquisa que o auxiliaram.

Na parte estrutural da fundamentação teórica, ocorre uma apresentação breve sobre a mídia televisiva e os aspectos econômicos que a norteiam, seguida por um histórico das vertentes principais e de uma fundamentação dos pressupostos da Pragmática. Após, uma explicação do conceito de linguagem na visão desta mesma ciência.

Os pontos seguintes procuram analisar a questão do uso da linguagem pelos adolescentes nas suas relações interpessoais os reflexos que podem existir entre a linguagem absorvida da mídia no ambiente escolar.

Na terceira parte, tem-se uma análise entre os conceitos pragmáticos que serviram de fundamento para este trabalho e de que maneira se inseriram junto ao programa “Malhação”.

Finalmente, a conclusão para o trabalho seguida pelos anexos e referências bibliográficas.

1 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Não há dúvida sobre a importância que o ser humano dedica à relevante tarefa de querer entender a sua realidade física e social, e dos esforços que se fazem necessários para melhor analisá-las e compreendê-las. Contudo, esta busca deve ser relevada como uma ação norteada por princípios metodológicos, feita de maneira sistemática e coerente para que seja possível, de certa forma, atingir os objetivos do fenômeno abordado ou do conceito estudado, contribuindo com eficácia para o conhecimento científico.

Os caminhos abertos e que podem levar ao conhecimento, também chamados de métodos científicos, podem ter diferenciadas concepções, embora, tenham que possuir coerência com o discurso filosófico do qual se servem para estruturar a base dos processos de pesquisa. Não é apenas o acúmulo de informações, mas é a natural e salutar procura pela verdade, enriquecendo o uso do raciocínio e da lógica para tentar amenizar o exercício da dúvida; sendo os resultados voltados, de alguma maneira, à própria sociedade.

O Brasil é um país que vem sofrendo inúmeras transformações políticas, econômicas e sociais, resultado de questões complexas que não permitem a caracterização brasileira como sendo de simples análise. Fica evidente que existem várias realidades visíveis, diferentes e complementares que convivem no

o cotidiano do país, portanto, anda se fazendo mais necessário o uso de projetos de pesquisas para tentar compreender essas realidades.

No campo dos estudos de fenômenos sociais ainda surge tentativas em elaborar sistemas que os expliquem, uma vez que não se pode ter a certeza oferecida pela experientação do campo das ciências naturais. Portanto, são relevantes as contribuições que as diversas áreas do conhecimentos humano estruturaram para proporcionar a tentativa de compreensão do comportamento do ser humano, como a Lingüística, a Sociologia e a Educação que foram bases para o desenvolvimento desta pesquisa - uma vez que se procura perceber a influência e conseqüências do uso de uma determinada corrente lingüística, as suas teorias e aplicações, junto a um grupo específico, representativo e que adquiriu novas considerações na sociedade contemporânea e como as instituições de ensino estão sendo afetadas por esta situação.

O princípio metodológico de análise da pesquisa social que se procurou abordar tem o alicerce nas discussões marxistas, que optam pelo conceito de que a ciência social é simultaneamente a revelação da realidade concreta do mundo e a revelação do homem como ser social, procurando levar em consideração a cultura e do momento histórico. Assim, criando possibilidades para a expansão do conhecimento adquirido, buscando novas relações e novas análises para reiniciar o processo do conhecimento científico.

Também lembrando que o materialismo dialético afirma que a prática e a teoria estão relacionadas e se complementam, acarretando em movimentos que levam às mudanças, pois com o uso das teorias busca-se conhecer a realidade concreta, para transformá-la através de ações.

3.1 O PROCESSO DE PESQUISA

Para iniciar o trabalho de pesquisa, a primeira ação foi tentar determinar o programa televisivo que serviria como referência principal ao desenvolvimento da monografia. Assim, foi realizada uma pesquisa quantitativa (ANEXO 2) com questões abertas, aplicada junto aos adolescentes e que são estudantes de um estabelecimento educacional de Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Paraná (ANEXO 1). Estes estudantes pertenciam ao período letivo da manhã, com uma faixa etária entre quinze e dezessete anos.

Após tabulação e a análise dos dados, o programa indicado teve alguns dos seus capítulos gravados, no período de duas semanas, para verificar a forma e a ocorrência do uso de termos lingüísticos que foram considerados neologismos ou barbarismos (ANEXO 3). Para acentuar esta condição foi escolhido apenas o áudio destes capítulos, pois não ocorreu a análise do contexto visual porque a relevância do estudo estava centralizada neste aspecto lingüístico.

A fundamentação teórica foi baseada essencialmente em materiais escritos que possuíam temas que tratassem de assuntos relevantes ao trabalho, principalmente livros, embora artigos de jornais e textos da internet também foram utilizados. Considerou-se como assuntos relevantes principalmente a Pragmática e o seu uso, a televisão como mídia, a linguagem nas relações interpessoais, o adolescente e a Educação.

Outra metodologia adotada foi o estudo de campo junto ao estabelecimento de ensino da pesquisa para verificar exemplos lingüísticos que foram influenciados pelo programa "Malhação" – indicado como o de maior audiência pelas pesquisa

quantitativa, além de procurar verificar as possíveis influências lingüísticas nas relações cotidianas entre os adolescentes e também entre estudantes e professores.

Neta etapa, além da observação destas relações enquanto ocorriam as visitas ao estabelecimento de ensino, também foram realizadas pesquisas quantitativas abertas para verificar quais foram as razões que levaram os estudantes a assistirem a este programa; e o mesmo procedimento para demonstrar se os estudantes reconheceriam que incorporaram as palavras ou expressões apresentadas no programa e quais as conseqüências desta situação nas relações surgidas no ambiente escolar (ANEXO 4).

Para verificar a forma pela qual foi desenvolvida os textos analisados da novela "Malhação", tentou-se a participação, por meio de entrevista, com o redator das histórias do programa, senhor Emanuel Jacobina, através da internet, no portal da Rede Globo, no site do programa "Malhação". Na verdade foram feitas várias perguntas ao redator dentro deste site para serem posteriormente respondidas através de e-mail – mas até a finalização deste trabalho, não houve resposta. Contudo, esta página eletrônica também serviu para se obter vários materiais que serviram de apoio para a concretização deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O MEIO TELEVISIVO E SEUS ASPECTOS ECONÔMICOS

A sociedade contemporânea já incorporou o meio televisivo, levando a pontos extremos o seu caráter de importância como meio de comunicação e de responsabilidade social. A televisão é resultado de um longo caminho de pesquisas e descobertas acumuladas, principalmente no século XX, que levaram à sua criação e sua ampliação. É evidente que além do aspecto científico, tem-se o social e o econômico, pois como afirma SARTORI:

numa síntese preliminar, que a televisão foi isolada enquanto *objetivo* tecnológico específico (ou seja, tendencialmente independente dos supracitados campos anexos¹) no período de 1880-1890 e que depois, após uma pausa, desenvolveu-se como *empresa* autônoma, desde os primeiros anos da década de 20 até o aparecimento dos primeiros modelos de televisão pública e privada nos anos 30, para finalmente amadurecer na sua totalidade "institucional" (isto é, como *sistema industrial* complexo, dirigido a um público cada vez maior de consumidores) após o término da Segunda Guerra Mundial, tendo como centro propulsor o aparato econômico norte-americano. (SARTORI in GIOVANNINI, 1987, p.249)

Portanto, a televisão acabou se transformando numa empresa econômica, um sistema produtivo e institucional dentro da sociedade. É uma engrenagem importante dentro do mecanismo que consolida o caráter econômico de auxílio aos setores do comércio e da indústria, uma vez que angaria os nichos de mercado necessários aos mesmos. Claro, não se esquecendo da simbiose entre este meio de comunicação e os esforços das atividades ligadas à publicidade. Porém, este aspecto não é a análise essencial deste trabalho.

¹ Refere-se a invenções e desenvolvimentos da eletricidade, fotografia, cinematografia e radiofonia.

A televisão é um produto de uma sociedade que possui a maioria de suas relações permeadas por processos econômicos. Até mesmo no seu aspecto tecnológico é necessário um investimento considerável para se obter sofisticação, medida que acaba sendo refletida no interesse do telespectador e no aumento da audiência. É uma relação complexa, segundo PRADO :

Os grandes investimentos, de um lado, supõem um consumo na maior escala possível do outro. O emissor está sempre incentivando a compra de receptores (através da propaganda direta e na medida em que atua no sentido de criar novas necessidades). O telespectador (e a concorrência) pede incessantemente maiores investimentos em tecnologia e produção do emissor, ou seja, produtos que satisfaçam com maior intensidade suas exigências em diversão, cultura, informação. (PRADO, 1973, p.7-8)

A essência da televisão é o seu aspecto publicitário. Sua principal característica é a venda, seja de idéias, valores ou produtos. Ou também, a venda de si mesmo, vender seus programas para conseguir obter os pontos da audiência, com a finalidade inclusive de arrecadar ainda mais anunciantes e verbas publicitárias. Tornou-se um complexo e bem estruturado sistema de interesses econômicos. Ela incita o consumo e vive das conseqüências deste.

"O despotismo da audiência manifesta-se no fato de que os índices podem levar um programa ao fracasso, mesmo que tenha tido uma boa receptividade, se no mesmo horário o programa da rede concorrente tiver uma aceitação maior. É a lei do mercado "(FERRÉS, 1993). Assim, os anunciante somente tendem a se interessar em gastar suas verbas publicitárias visando àqueles programas que geram fidelidade por parte dos seus telespectadores.

Dentro dessa concepção econômica, e também considerando a complexidade em que a sociedade se encontra, acaba se fortalecendo uma situação interessante, pois ao mesmo tempo em que todos os telespectadores participam

de um processo estimulador, buscando a satisfação de novas necessidades dentro dos programas a que assistem, estas necessidades se apresentam diferenciadas para cada um, um estímulo individual, que está à frente da televisão. Diferenças, muitas vezes, segmentadas por distinções baseadas em quesitos sexuais, em faixas etárias ou em aspectos do poder aquisitivo.

Nessa segmentação, o início da irradiação de valores e costumes ligados à adolescência por parte da mídia, só pode ser percebido em meados da década de 50 no século passado. Coincide na percepção em considerar que o adolescente não é apenas uma fase de expansão da infância, esperando apenas um processo de educação e socialização para a vida adulta. Mas, é um período de passagem que abrange inúmeras transformações físicas e psíquicas, decorrentes da busca de afirmação por parte dos adolescentes.

E a mídia vai se aproveitar justamente desses novos valores, reforçando a idéia de “conflito de gerações”, reforçando ao jovem que o mundo adulto é uma grande decepção e que não serve à juventude (SODRÉ, 1992). O valor principal imposto pela mídia é o da conquista da liberdade, conseguida através da rebeldia. Atualmente, a idéia de rebeldia está mais aproximada no conceito de aquisição, no consumo de produtos, a ideologia da adolescência virou mercadoria que promove a sensação de liberdade - inclusive o uso de drogas lícitas ou não, podem ser analisadas por estes prisma.

Para o campo biológico, indicado para dar suporte a este estudo, a adolescência também é um período de passagem, pois as transformações da puberdade são iniciadas e desenvolvidas durante os 14 aos 18 – evidente que não é uma regra fixa, pois depende do ritmo que cada organismo – ficando bem

aparentes as modificações físicas que os hormônios desencadeiam, mas também há mudanças na forma de se comportar e pensar. O conflito principal é que a família normalmente vai tratá-lo, pelo costume, ainda com valores do mundo infantil.²

Mesmo assim, o adolescente irá procurar alguma forma de independência e autonomia junto a indivíduos que possuam a faixa etária. Os grupos são fundamentais para os processos de socialização pois são criados fortes laços de interdependência emocional e afetiva, fortalecedores das condições de influência comportamentais dentro dos grupos. As inseguranças, comuns nesta passagem para a vida adulta, são compartilhadas pelo grupo e proporcionam um certo bem estar ao adolescente, mesmo na sociedade que reforça, e muito, a questão do ego e do individualismo.

A mídia trabalha justamente nesta condição do grupo porque impõe ao jovem o que está ou não “na moda”, o que está ou não em evidência para os adolescentes. Os integrantes dos grupos se identificam não apenas com itens de semelhança da vestimenta, ou nos gostos musicais ou nas atitudes, mas fundamentalmente pela linguagem que se torna comum a todos.

Os meios de comunicação têm a preocupação em formar os hábitos dos seus receptores, e a televisão possui na sua grade de programas os que considera voltado ao universo infantil e ao do adolescente, embora sempre venha tentando “prender”, se possível, o jovem já a partir do início da infância. Posteriormente,

² Cabe lembrar também que as crianças estão sofrendo um processo no qual vêm se “tornando” adolescentes precocemente.

ficará mais simples para a televisão conseguir manter os seus telespectador adolescente, evidentemente, com uma ação mais próxima a este.

A televisão é responsável por boa parte da construção do adolescente, não apenas na obtenção de conhecimento ou informação, mas também de valores e de comportamento, pois como afirma SODRÉ:

É importante considerar que o período de maior aprendizagem relativo a programas televisivos é aquele em que a criança ainda não aprendeu a ler, o início da formação de seus esquemas mentais ou fase cognitiva caracterizada pela sensorialidade. Até os 16 anos, o jovem terá assistido entre 10 a 15 mil horas de televisão, ou seja, mais do que qualquer outro agenciamento pedagógico. (SODRÉ, 1992, p.78-79)

A mídia conseguiu capitalizar algumas das ansiedades criadas pela fase da adolescência, principalmente porque ela se tornou a grande responsável pelo gerenciamento de valores e costumes, portanto “a questão da adolescência passou da dimensão familiar para a social” (SODRÉ, 1992).

Esta preocupação possibilita várias outras análises, uma vez que fica evidente a influência da televisão junto aos adolescentes e a forma como ela atua para obter os seus resultados mercadológicos esperados, mas sem se preocupar com as conseqüências, pois:

A adolescência é, assim, uma noção elástica, ao sabor das ficções dos especialistas, dos interesses de mercado. Aquela “certa idéia de jovem” nascida com a Modernidade e controlada pela família, (...) tudo isso é hoje administrado pela organização tecnoburocrática através dos meios de comunicação de massa e das tecnologias, em função de uma nova administração do espaço social. (SODRÉ, 1992, p.83)

Mas a perspectiva futura é que ainda os meios tentarão manter esta ação de administrar o adolescente.

Por isso, grande parte da “rebelião” juvenil (...) foi acolhida pelos media em todas as suas modalidades expressivas (da televisão à indústria fonográfica), sendo reduzida à forma “espetáculo”. (IDEM)

Mas, como já foi apresentado antes, o objetivo principal deste trabalho é procurar perceber uma análise de recepção do programa "Malhação", e não visou à preocupação em mostrar a televisão como um meio de comunicação que fragmenta a realidade, que busca exclusivamente ser agente de consumo, que favorece a alienação, que interfere na escola como "deseducadora" ou que valoriza o espetáculo da trivialidade. A intenção é ver a televisão como meio de socialização, como instrumento de produção cultural.

2.2 A LINGUAGEM TELEVISIVA E A RECEPÇÃO

O que possibilita a televisão ser um meio de comunicação é a sua linguagem. É importante verificar que este meio alcançou um enorme desenvolvimento tecnológico, procurando um melhor comunicação quantitativa, mas favorecendo a compreensão sem esforço. A linguagem audiovisual que este meio oferece não está voltada apenas para os interesses dos proprietários e seus vínculos econômicos, mas também à sociedade na qual se insere. Assim, o "traço fundamental da mensagem da televisão é que ela só existe de fato no receptor, ou, mais precisamente, no cérebro de quem está diante do vídeo. Talvez nenhuma outra linguagem seja tão dependente do meio e sua utilização social quanto à da televisão". (PRADO, 1973).

Esta questão da mensagem somente existir no receptor se deve ao fato de que seu suporte físico é o impulso (sinal) elétrico; e também devido à imagem ser formada no cérebro do indivíduo após os estímulos sensoriais oriundos da linguagem audiovisual. Esta composição resulta dois princípios básicos à linguagem televisiva: enquadramento e ritmo. PRADO explica que:

Ambos estão relacionados e tornam-se evidentes quando nota-se que o aumento da área captada pela câmera reduz a inteligibilidade da imagem. Além disso, deve-se também se considerado o reduzido tamanho do vídeo, provocado por questões técnicas (quanto maior, mais caro e de menor definição) e funcionais (uso doméstico). O ritmo também se liga a estes fatores e deve ficar entre duas situações: inteligibilidade saturação (o envolvimento da televisão faz com que o espectador se canse da imagem assim que a absorve). (PRADO, 1973, p.44)

Todos os veículos de comunicação de massa têm seus próprios conjuntos específicos que os caracterizam, mas os códigos que estruturam a linguagem da televisão são muito mais próximos com os da fala que com os da escrita. Esta semelhança entre estes códigos de linguagem poderiam explicar o conceito de que há um interesse maior pelo papel comunicativo desempenhado pela televisão dentro da sociedade.

Neste processo que possui um ênfase na oralidade, a argumentação tende a convencer mais, a persuadir mais devido às repetições, pelo ritmo imposto aos segmentos, pela dinâmica do próprio processo dialógico e pelos aspectos lingüísticos. O oral tende a ser mais espontâneo, caracterizando vários textos da televisão, principalmente os comerciais e os de novelas.

Posteriormente, os telespectadores percebem o conteúdo e o significado do que é apresentado pela televisão, adquirindo conhecimento deste conteúdo e utilizando-o para interagir no seu ambiente físico e social. São criadas desta maneira as estratégias para persuasão do telespectador, "pois a persuasão refere-se primordialmente ao emprego da mídia de massa para apresentar mensagens visando deliberadamente aliciar formas específicas de ação da parte de audiências" (DeFLEUR, 1993). No estudo, encara-se que o objetivo é compor a persuasão destinada a favorecer a aquisição de determinadas palavras e expressões e suas utilizações posteriormente nos contatos sociais, salientando

uma modificação real do comportamento, a ação de conduta como resultado do processo persuasivo.

Convém lembrar que ocorrem três fatores intervenientes que determinam o comportamento, segundo suposições fundamentais da psicologia. DeFLEUR apontou como:

- (1) algum conjunto de características biológicas ou processos humanos que são herdados;
- (2) outro conjunto de fatores que podem ser em parte baseados na biologia e em parte na aprendizagem, tais como estados e condições emocionais; e
- (3) um conjunto de fatores adquiridos ou aprendidos que compõem a estrutura cognitiva de um indivíduo. (DeFLEUR, 1993, p. 293)

Portanto, os indivíduos são estruturas complexas de componentes biológicos, emocionais e com uma carga cognitiva atuantes em suas personalidades que direcionam as suas ações e condutas.

A completa explanação técnica para o entendimento dos fatores biológicos e psicológicos que determinam a atenção a determinados estímulos da linguagem televisiva, bem como a decorrente persuasão do receptor não são de relevância a este estudo. Não existe a preocupação da análise de como os efeitos técnicos estimulam o interesse dos adolescentes a assistirem ao programa "Malhação", a verificação principal não está centrada no ritmo seqüencial das imagens que este possui, mas na elaboração dos textos que são pronunciados. A apresentação destes conceitos é somente para melhor definir a forma como a televisão trabalha a sua linguagem.

Também pode ser considerada a teoria da modelagem social que propõe o auxílio na compreensão da aquisição e no uso das palavras e expressões que são

veiculadas nos programas televisivos. Resumidamente, este modelo teórico consiste que:

1. um membro individual de uma audiência *observa* ou lê acerca de uma pessoa (modelo) empenhada em determinado padrão de ação no conteúdo da mídia.
2. O observador *identifica-se* como o modelo, isto é, acredita que ele é igual ao modelo, quer ser como o modelo, ou vê o modelo como atraente e digno de imitação.
3. O observador conscientemente *se dá conta* - ou inconscientemente chega à conclusão - de que o comportamento observado ou descrito será funcional. Isto é, a pessoa chega a creditar que o comportamento produzirá certo resultado desejado se for imitado em uma determinada situação.
4. O indivíduo *recorda* as ações do modelo quando confrontado com as circunstâncias relevantes (situação estimulante) e *reproduz* o comportamento como um meio de responder a tal situação.
5. Realizar a atividade reproduzida na situação pertinente de estímulo traz para o indivíduo certo alívio, recompensa ou satisfação, com isso fazendo ser *reforçado* o vínculo entre esses estímulos e a resposta modelada.
6. O reforçamento positivo incrementa a probabilidade de que o indivíduo venha a usar a atividade reproduzida *repetidamente* como um meio de responder a situações análogas. (DeFLEUR , 1993, p. 234)

Estes pontos ainda serão reforçados durante o desenvolvimento deste trabalho, pois são de importância para analisar o comportamento dos indivíduos principalmente em suas relações com os grupos sociais a que pertencem.

Em relação à telenovela, semanticamente, a palavra em si é originária da composição entre os termos “tele” (desenvolvida, apropriada para a televisão) e “novela” (entrecho, enredo, narrativa trançada). Originalmente, o termo novela, em vários idiomas significa “história curta” – não tão longa quanto o gênero literário do romance nem tão curta como o conto, ordenada e completa na sua narrativa, composta de fatos fictícios verossímeis. O termo novela foi equivocadamente utilizado pelo rádio para denominar suas narrativas. Posteriormente, a televisão também apropriou-se do termo, incorporado-o, e acrescentando-o o termo que a melhor define: telenovela.

Outro ponto que merece destaque é com relação à forma de veiculação da telenovela. Segundo CAMPEDELLI é que:

A temporalidade da telenovela mostra-se, sem disfarce, no primado das pesquisas de opinião, que costuma determinar sua duração e a própria evolução da trama. O tempo criado e manipulado pelo gênero reside onde sua especificidade se mostra: no “espichar” a história para “prender” o espectador. (...) Em suma, a temporalidade histórica não deve existir: ela deve ser abafada pelo seu tempo específico, assentado sobre a protelação. (CAMPEDELLI, 1985, p.21)

Convém lembrar outro itens relevantes a respeito da obrigatoriedade de se manter uma tensão dramática ao longo dos capítulos, um suspense que é necessário para conseguir captar a atenção do telespectador; bem como o uso do dualismo da índoles das personagens que representam o “Bem” contra as que optam pelo “Mal”.

É preciso que ocorra uma forte identificação entre o telespectador e a telenovela, pois este fator acarreta não apenas na fidelidade de quem assiste a ela, mas também em processos psíquicos que levam à projeção nas ações criadas, ou até mesmo à incorporação das situações apresentadas.

No caso do programa “Malhação”, é uma telenovela ficcional verossímil, pois as personagens e a narrativa são baseadas na realidade, porém não existentes. Existem vários conflitos conduzidos pelas personagens, que oferecem os desdobramentos à trama. A história se mostra parcelada em capítulos, apresentados aos poucos. A base da sua linguagem são os diálogos. Em relação à temática, durante o período em que foi analisado, o programa optou em fomentar um novo assunto a cada duas semanas, e nesta época era sobre “menor abandonado” e “orientação vocacional”.

Outro ponto de importância é sobre perceber “Malhação” como objeto de estudo. O programa será analisado pela perspectiva da Pragmática, ou seja, como os pressupostos teóricos desta ciência lingüística podem estar presentes nos discursos dramatizados por esta telenovela; e quais os possíveis reflexos junto aos telespectadores.

2.3 PRAGMÁTICA

A discussão em torno da definição de termo Pragmática ainda gera inúmeras possibilidades devido à diversidade e complexidade de conceituá-la. Existem inúmeros trabalhos, com temas e objetivos diversos que se apropriam do termo. São recentes os estudos da linguagem que envolvem os conceitos pragmáticos. A exemplo de outros tipos de reflexões lingüísticas, a Pragmática não aparece como um modelo único e completo, mas abrindo diversas tendências.

Como princípio, pode-se generalizar que a Pragmática é o estudo que procura perceber o uso que o usuário faz da linguagem. O que se segue são alguns trabalhos que procuram desenvolver os conceitos do objeto para a Pragmática, e a maneira como são decorrentes as alterações nas hipóteses sobre a natureza da linguagem.

Em fins da década de 50, no século XX, surgem enormes considerações teóricas sobre a linguagem. Pode-se dizer que a história da Lingüística é baseada na mudança do olhar em relação ao estabelecimento do seu objeto. E a Pragmática também atua neste sentido., fazendo com se fortalecessem diferentes correntes teóricas que possuem elementos pragmáticos.

Para a caracterização deste trabalho, considerar-se-á que a Pragmática se apresenta na forma de três tipos essenciais:

- a) a Pragmática Indicial que considera a linguagem-usuário enquanto relação ao objeto (referente);
- b) a Pragmática que considera o usuário como intérprete do signo;
- c) a Pragmática que considera o usuário como um interlocutor – esta por sua vez pode ser subdividida na Pragmática Conversacional; na Pragmática da Interlocução; e na Semântica da Enunciação.

Porém, estas teorias ainda podem apresentar outros conceitos, mesmo por que a Pragmática é uma ciência recente, e também existe a possibilidade destes conceitos serem reorientados devido às análises de três diferentes correntes de estudos pragmáticos: o pragmatismo americano, influenciado pelo semiologia de William James; os estudos dos atos de fala, de J. L. Austin; e os estudos da comunicação, voltados para as relações sociais presentes na atividade lingüística.

2.3.1 Os precursores

Considerar-se a preocupação em analisar o uso lingüístico, a história nos remete ao final do século XIX, quando a Filosofia iniciava os estudos neste campo. Kant já buscava métodos que comprovassem que a mente era capaz de construir representações. Baseado neste conceito, e principalmente na questão que a representação é antes lingüística do que mental, as discussões permeavam em

direção aos usuários da linguagem. A Pragmática é resultado deste pensamento, pois prioriza os problemas relativos ao uso da linguagem.

O estudo dos fenômenos ligados à Pragmática é recente. Além disso, à medida que ele ia progredindo, revelou novos aspectos para a comunicação humana e para a significação lingüística. Apesar do seu evento tardio, seu expressivo desenvolvimento marcou a lingüística moderna. Limitadas a princípio ao estudo da fonética e da morfologia, as descrições lingüísticas passaram paulatinamente à sintaxe, e posteriormente às relações entre a sintaxe e a semântica. Porém, os estudos semânticos e sintáticos dependiam de fatores subjetivos e situacionais ligados ao uso efetivo dos enunciados.

Cabe lembrar que em 1938, o filósofo C. Morris apresentou ao termo Pragmática o seu sentido moderno. Para ele, a semiótica apresenta três componentes que são complementares e que visam a estudar: uma sintaxe ou o estudo da relação formal dos signos entre si; uma semântica ou o estudo da relação formal dos signos aos objetos aos quais são aplicáveis; e uma pragmática ou o estudo das relações dos signos com os intérpretes.

2.3.2 O pragmatismo americano

O pragmatismo americano é centrado no filósofo Charles S. Peirce, inclusive o primeiro autor a utilizar a palavra “pragmatics”, em seu artigo “How to make our ideas clear”, de 1878. Peirce apresenta o conceito de “tríade pragmática”, representada na “relação” entre signo, objeto e interpretante. Sua preocupação maior era teorizar a linguagem considerando o que sempe foi lembrado na

Lingüística: o sinal. Mas também aquilo a que este sinal remete e, principalmente, a quem ele significa. Segundo o próprio Peirce:

[Os que se dedicavam ao estudo] da referência geral dos símbolos aos seus objetos ver-se-iam obrigados a realizar também pesquisas das referências em relação aos seus interpretantes, assim como de outras características dos símbolos e não só dos símbolos, mas de todas as espécies de sinais. Por isso, atualmente, o homem que pesquisa a referência dos símbolos em relação aos seus objetos será forçado a fazer estudos originais em todos os ramos da teoria geral dos sinais. (PEIRCE in MUSSALIN e BENTES, 2000, p-52)

Desta maneira, o funcionamento de um signo se demonstra na relação existente entre o signo, aquilo que o signo representa e aquele para quem o signo representa algo. A grande questão que este autor coloca é de que existem signos que são interpretados somente em relação à situação em que o usuário faz uso da linguagem.

O trabalho de teorização de Peirce é complexo, mas ocasionou inúmeras repercussões, notadamente sua proposta principal em mostrar todos os aspectos da relação símbolo-objeto-interpretante. É necessário, portanto, identificar alguns caminhos distintos que foram percorridos pela Pragmática. Uma que considera o usuário somente para determinar a relação da linguagem com o mundo (uma referência), e outra que considera o usuário enquanto sua relação com a linguagem. Esta segunda inferência apresenta uma terceira possibilidade, que se configura a partir da filosofia da linguagem ordinária.

Tem-se a Pragmática Indicial que subordina o usuário à questão da referência, ou seja, como o contexto interfere na especificação do valor de verdade de sentenças. Esta teoria tem como fonte o signo de Peirce e um compromisso com a semântica lógica, pois o valor da verdade é determinado pelas proposições que são apresentadas.

O trabalho apresentado por Stalnaker decorre neste sentido. Ele afirma que³ a Pragmática estuda os atos de fala e a relação das sentenças com o contexto, mas se ocupa, principalmente, com este último aspecto; sendo necessário considerar o contexto para se conseguir determinar o valor de verdade de proposições.

Os estudos da Pragmática Indicial preocupam-se com a relação linguagem-usuário somente na medida em que esta relação precisa ser considerada para se conseguir determinar a relação linguagem-mundo, sua referência. Uma pragmática subsidiada, na sua essência, pela semântica, já que tudo fica envolto na questão da referência.

Charles W. Morris, também sofreu influência do círculo de filósofos de Viena, que dividiam a linguagem em três campos: a Sintaxe, que trataria da relação lógica entre as palavras; a Semântica, que cuidaria da relação entre as palavras e seus significados; e a Pragmática, que seria responsável por tratar da relação entre as palavras e seus interlocutores. Assim, este autor propõe a divisão da linguagem em Sintaxe, Semântica e Pragmática. Este conceito aparecem nos três pontos de significação de Peirce a seguinte teoria: o signo propriamente poderia ser tratado pela Sintaxe; o significado, ou a que remete o signo, tratado pela Semântica; e a pessoa que interpreta o signo, pela Pragmática.

Para ele, a Semiótica estuda a semiose, processo pelo qual algo funciona como signo para alguém, sendo necessário relevar estudos junto às três dimensões: a sintática, a semântica e a pragmática. Considerando que a Pragmática deve se preocupar em verificar o hábito do intérprete em usar o signo – o intérprete aprende o valor pragmático do signo ao conviver em situação em

³ Na sua obra “Pragmatics”, de 1972.

que o signo é utilizado. Esta concepção pragmática tem como objeto de estudo a relação linguagem-usuário, mas na medida em que o usuário é visto como intérprete do signo, não se interessando pela relação usuário-usuário.

Procurando outro caminho, tem-se os estudos de William James. Baseando-se na idéia peirciana de refletir no âmbito da filosofia sobre sinais e significados. É dele a primeira utilização da palavra “pragmatism”. Porém suas idéias só causaram impacto no século XX, quando alguns filósofos viram a linguagem como uma prática social. James apresenta sua definição mais popular, na qual o conceito de “verdade” é aceito como “o que é melhor para nós acreditarmos”. É uma posição polêmica, mas concebeu ao adjetivo “pragmático” a definição de “aquilo que tem aplicações práticas, voltado para a ação”.

James valoriza o emissor como detentor do próprio significado, uma vez que a verdade, ponto principal na relação entre mundo e linguagem, nada mais é do que aquilo que todos nós, inseridos numa comunidade, queremos que ela seja, acarretando a verdade para um terreno imprevisível: as pessoas sociais. “No momento em que ele (James) relativiza a noção de verdade, atinge em cheio todo o discurso sobre a possibilidade de conhecimentos ‘de fato’, pois duvida da própria idéia de confirmação ‘no mundo’ deste conhecimento”. (MUSSALIN e BENTES, 2000)

Willard V. Quine é responsável em prosseguir com o pragmatismo americano. Seu trabalho representativo é conhecido como “pragmatismo radical”. Uma ousada atitude contra a tradição lógica, pois acredita ser um problema tentar determinar o objeto referido por uma expressão, uma questão muito mais séria do que simplesmente encontrá-lo ou não no mundo. Portanto, o lingüista só pode

compreender um ato de fala a partir da prática que o resultou, da situação que o produziu, e fazendo-o pragmaticamente.

Donald Davidson e Richard Rorty são outros dois estudiosos do pragmatismo americano que possuem trabalhos relevantes. Suas teorias baseiam-se na condição de que as atitudes do emissor, sua fala, sua crença, sua intenção são verdadeiras porque existe um princípio legítimo que diz que “qualquer uma das atitudes proposicionais do/a falante é verdadeira se ela é coerente com o conjunto de atitudes proposicionais desse/a mesmo/a falante”.

2.3.3 A Pragmática voltada às relações sociais

Esta corrente de estudos pragmáticos, estudos da comunicação, se caracteriza por ser um híbrido entre o pragmatismo americano e aqueles que estudam os Atos de Fala. O que a diferencia é o uso das teorias filosóficas historicistas que estavam ausentes ou poucos utilizadas nestas outras correntes anteriores.

A Pragmática Conversacional está presente nesta vertente, sendo oriunda das colocações de Grice⁴. Este autor mostra que a questão do significado lingüístico é considerado como a função da intenção do locutor e do reconhecimento desta por parte do receptor. Portanto, a questão do significado é função do usuário da linguagem, sendo fundamentalmente pragmática a questão do significado e a relação signo-usuário não pode ser considerada aqui na medida em que o usuário seja o intérprete. Neste caso, a relação pragmática considerada é a relação signo-usuário enquanto estabelece a relação locutor-ouvinte. O significado é definido

⁴ Presentes nas obras “Meaning” (1972) e em “Logic and conversation”(1975).

pela intenção do autor e pelo reconhecimento do receptor, a relação linguagem-usuário só pode ser compreendida enquanto o usuário é considerado interlocutor.

Grice também apresenta que a conversação é regida por um princípio básico: o de cooperação (este conceito é apresentado mais adiante, pois é base para o desenvolvimento deste trabalho). Outro fator de relevância é ressaltar que este autor entrega um valor fundamental à função informativa da linguagem.

A reavaliação do conceito de “cooperação” é um exemplo. Desenvolvida por Grice, a comunicação só ocorre se existir cooperação entre os usuários, regida por princípios que atingiriam o sucesso na comunicação conhecidos como “implicaturas conversacionais”. Jacob L. Mey⁵ mostra como é possível questionar a cooperação comunicativa, sustentando a ideologia da “parceria social”, pois apresenta o uso da linguagem como uma parceria igualitária e livre entre falantes.

Seguindo esta tendência, pragmáticos recentes acreditam em comunicação como trabalho social, realizado com todos os conflitos existentes nas relações da sociedade. Qualquer tentativa de representação da comunicação que venha a excluir aspectos sociais é considerada inócua e ineficiente para os estudos pragmáticos. A linguagem não é um meio neutro de transmitir idéias, mas sim constitutiva da sociedade. Assim:

não sendo “a realidade social” um conceito abstrato, mas o conjunto de atos repetidos dentro de um sistema regulador, a linguagem é sua parte presente e legitimadora, e deve ser sempre tratada nesses termos. (MUSSALIN e BENTES, 2000, p. 63)

⁵ Em textos publicados no “jornal of Pragmatics” (1987).

Ainda mais radical, Roy Harris⁶, somente considera o que venha a ser metodicamente excluído na Lingüística tradicional pode desmitificar as idéias que os seres humanos têm normalmente sobre as regras de funcionamento da linguagem. Relevando a importância não apenas dos atos de fala em si, mas também dos fatos que os envolvem.

Outro autor que também serve de referência para este estudo pragmático é Oswald Ducrot. Até o final dos anos 80, do século XX, os trabalhos deste autor sentiam reflexos dos conceitos pragmáticos de Benveniste, porém a evolução dos seus estudos e métodos posicionaram-no junto à Pragmática da Enunciação.

2.3.4 Os estudos dos Atos de Fala

A Pragmática Ilocucional não considera a função referencial como a fundamental da linguagem. Nesta, a linguagem é percebida como ação entre os interlocutores. Cabe lembrar que é necessário destacar a teoria do estudos dos Atos de Fala para compreender esta vertente.

Outro ponto de comum estudo nos conceitos pragmáticos é em relação aos funcionamentos e efeitos dos atos de fala – outro pressuposto que será desenvolvido mais adiante neste trabalho, e que foi proposto pelo filósofo J. L. Austin. Para ele, o ato de fala é a realidade da ação da fala, a relação entre o que se diz e o que se faz. A linguagem não é usada basicamente para informar, mas para realizar vários tipos de ação.

⁶ Na obra “The language myth” (1981).

Austin definiu três tipos de “ação” lingüística: os atos locucionais, os ilocucionais e os perlocucionais, tornando-se centro de inúmeros trabalhos sobre a linguagem.

Émile Benveniste é responsável pela pretensão em classificar os atos de fala, considerando os atos que são compostos por um verbo “declarativo-jussivo”, que estabelece uma relação entre “declarar uma ação” e “jus à posição de autoridade para tal”, e como exemplo se inclui “ordenar”, “comandar”, “decretar”. Além deste, existem os atos de fala que seriam composto por um verbo com complemento direto mais um termo predicativo.

A teoria dos atos da fala, inicialmente é resultado da tentativa em entender como as construções gramaticais podem levar a confusões lógicas ineficientes na filosofia. Os trabalhos de J. L. Austin buscavam analisar a possibilidade de uma teoria que viesse a explicar questões, exclamações e sentenças que expressam comandos, desejos e concessões. Para ele, a linguagem é uma atividade construída pelos interlocutores, portanto, não é possível discutir linguagem sem levar em conta o ato de linguagem, o ato de estar falando em si. A linguagem, como resultado, não seria a descrição do mundo, mas ação. “Uma das distinções mais importantes feitas por Austin nesta sua defesa dos atos de fala é entre os ‘enunciados performativos’, como aqueles que realizam ações porque são ditos, e os ‘enunciados constativos’, que realizam uma afirmação, falam de algo”. (MUSSALIN e BENTES, 2000)

A análise entre estes dois tipos de enunciados, o performativo e o constativo, levou o autor a separar os níveis da ação lingüística através de enunciados. Austin propôs chamar de atos locucionários aqueles que dizem algo; atos ilocucionários,

aqueles que refletem a posição do emissor em relação ao que ele diz; e atos perlocucionários, aqueles que produzem certos efeitos e conseqüências sobre os receptores, sobre o próprio emissor ou sobre outras pessoas. Estes três níveis têm uma atuação simultânea no enunciado.

Uma constatação importante é que os atos de fala são muitas vezes de efeito ambíguo, podendo expressar tanto uma promessa quanto uma ameaça, e assim por diante. Para solucionar o dilema, falantes costumam se basear em indícios explicitados no momento da fala, ou amplamente percebidos na relação entre as pessoas que falam. Dessa forma, podemos dizer que os atos de um enunciado ocorrem simultaneamente, são relativos ao contexto de fala e às pessoas que falam, e são interpretáveis com uma amplitude muitas vezes difícil de ser descrita nos limites de uma análise lingüística. (MUSSALIN e BENTES, 2000, p. 58-59)

A teoria de Austin acabou se firmando na Lingüística, principalmente pelas interpretações que foram feitas por John Searle. Um exemplo é em relação à taxonomia para os atos de fala, que inclusive tentou deixar clara a diferença entre ato ilocucionário e verbo ilocucionário. Searle também defendeu o conceito de que os atos de fala possuem um elemento básico: a “proposição”, responsável pela classificação do ato, considerando “doze dimensões de variação” do ato. Estes trabalhos ainda são inesgotáveis fontes de influência nos estudos pragmáticos.

2.3.5 A Semântica da Enunciação

Este tipo de Pragmática foi desenvolvido, principalmente, por Ducrot, Anscombe e Vogt. Ducrot considera que o locutor, ao usar do seu discurso, constitui-se em locutor e interlocutor ao mesmo tempo. A linguagem é tida como ação e, de modo particular, a importância da ação ilocucional.

Vogt⁷ concebe em sua teoria que o ato ilocucional é revestido de uma ação dramática, na qual o locutor se representa de um certo modo na sua relação com o interlocutor. Este conceito repercute, de certa forma, na maneira como os interlocutores se apresentam numa ordem hierárquica durante o discurso.

Assim, a Semântica da Enunciação apresenta uma Pragmática envolvida com a relação locutor-ouvinte, mas no seu diálogo. O ato pragmático é tratado como fundamental para a significação, principalmente na relação dialógica. Ou seja, não apenas o locutor está presente, mas também o receptor deve estar presente no sentido do que alguém diz.

E para finalizar, existe também os estudos entre a Pragmática com a Psicolinguística e a Análise da Conversação ou Discurso – duas outras correntes que, inicialmente, fizeram parte e integraram elementos pragmáticos aos estudos lingüísticos, mas que percorrem outros campo de estudos como a Sociologia e a Antropologia.

2.3.6 A Pragmática para este trabalho

Como já foi apresentado, a Pragmática possui várias correntes que modificam a forma como é visto o objeto de estudo, ou seja a própria linguagem. Portanto, é preciso que se utilize uma definição que venha a oferecer as reflexões e debates conseqüentes para este trabalho. Assim, utiliza-se a tendência na qual apresenta a Pragmática como o uso da linguagem nos contextos sociais. Segundo LEECH:

⁷ Pode-se ler o artigo “Por uma Pragmática das representações”, na obra *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec/ Funcamp, 1980.

We cannot really understand the nature of language itself unless we understand pragmatics: how language is used in communication⁸. (LEECH, 1983, p.16)

Ou seja, o estudo do modo como os enunciados têm determinados sentidos em determinadas situações. A pragmática analisa o uso concreto da linguagem, partindo do usuário e do uso que este faz da linguagem, e as condições que determinam esta prática. Ainda para melhor reforçar segue-se:

Thus meaning in pragmatics is defined relative to a speaker or user of the language, whereas meaning in semantics is defined purely as a property of expressions in a given language, in abstraction from particular situations, speakers, or hearers. I shall redefine pragmatics for the purposes of linguistics, as the study of meaning in relation to speech situations⁹. (IDEM)

Portanto, como primeira consideração, a Pragmática pode ser apresentada como a “ciência do uso lingüístico”. Deve-se entender que é uma ciência que procura mostrar como os seres humanos utilizam a linguagem em determinados contextos estabelecidos. O ponto principal não é apenas o estudo da linguagem isolando a língua e até mesmo a fala, mas a relação entre todas elas.

Assim, “a Pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca os estudos da língua isolada de sua produção social” (MUSSALIN e BENTES, 2000). Bem como, os fenômenos lingüísticos não são puramente resultados de convenções, mas integrados por elementos de criatividade, de inovação, e que podem alterar-se e interagir-se durante o uso da linguagem.

⁸ “Não podemos realmente entender a própria natureza da linguagem ao menos que entendamos a pragmática: como a linguagem é usada na comunicação”. Tradução do autor.

⁹ “Desta maneira o significado em pragmática é definido na relação que o usuário faz da linguagem, portanto o significado semântico é meramente definido como uma propriedade de expressão numa dada linguagem, em resumo, de situações particulares. Deveria redefinir a pragmática para os propósitos lingüísticos, como o estudo do significado nas relações de uso do discurso”. Tradução do autor.

2.3.7 Algumas noções fundamentais

Em primeiro lugar, é interessante perceber que pode ocorrer uma dificuldade em conseguir identificar a atuação da força ilocutória nos contextos, de que maneira ela pode ser utilizada, já que esta é contínua e variável de acordo com o contexto. A distinção entre sentido - semanticamente determinado - e força ilocutória - pragmática e semanticamente determinada - é imprescindível.

A força ilocutória é um conceito proposto por Austin, e defini-se como o conjunto de sons que efetivam um significado referencial e predicativo, ou seja, para conseguir determinada intenção em uma proposição no discurso e entre os usuários. Assim, como deve ser entendido o discurso pelo receptor em função da maneira, da tonacidade e da intenção que é emitido.

O sentido seria algo mais abstrato tratando-se de um referencial colocado à disposição dos usuários de uma língua, por exemplo, um dicionário traz as palavras e seus sentidos, suas significações apenas. Já a força ilocutória refere-se também ao sentido, porém de uma maneira na qual os usuários de uma língua ao utilizá-la no processo de comunicação, proferiram-na em situações concretas, ou seja, em situações de atuação, interação e intencionalmente.

Para a Pragmática o significado é resultado da relação a um locutor ou usuário da língua, enquanto que o significado para a semântica é definido simplesmente como uma propriedade de expressões da língua, sem relevar situações específicas entre os envolvidos no processo de comunicação.

Existe sempre uma suposição comunicativa entre o locutor e o receptor, ou seja, uma disposição mútua e compartilhada na qual se posiciona o fato de que quando alguém diz algo para outro, tal é feito com algum tipo de objetivo ilocutório

em vista. Cabe a Pragmática interpretar esta ação situacional dos enunciados, não somente com os aspectos semânticos, mas também o contexto e as intenções do locutor.

As conseqüências efetivas do ato de comunicação não fazem, necessariamente, parte do interesse da Pragmática, mas neste estudo procurar-se-á analisar alguns efeitos pragmáticos naqueles telespectadores adolescentes que foram expostos às ações pragmáticas do programa de televisão.

A Pragmática centra sua atenção à análise da linguagem enquanto atividade, para as relações entre a língua e aqueles que a utilizam, procurando perceber as manifestações lingüísticas produzidas pelos indivíduos em situações reais, no momento da sua produção lingüística, ou seja, seu discurso. A língua não serve apenas para representar o mundo, mas para executar ações, comunicação é agir, é a atuação do locutor sobre o receptor, é criar um sentido ilocutório e é de qualquer maneira um ato de linguagem.

Portanto considerando a linguagem como uma ação intersubjetiva, e considera-se como postulado básico a preocupação do que está sendo enunciado como um momento único que jamais poderá ser reproduzido porque depende das condições de produção (tempo, local, função representadas pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetos visados na interlocução).

Considerou-se também uma reflexão sobre as diferentes maneiras de ações humanas que se realizam através da linguagem, sendo estabelecidos três diferentes tipos de atos - locucionários, ilocucionários e perlocucionários. KOCH define estes três atos da seguinte maneira:

O ato locucionário consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua. (...) constitui-se de um *ato de referência* e um *ato de predicação*. Através do ato de referência, designa-se ("pinça-se") uma entidade do mundo extralingüístico e, por meio do ato de predicação, atribui-se a essa entidade uma certa propriedade característica, estado ou comportamento. (KOCH, 2000, p. 19)

Ainda mais adiante ela apresenta o seguinte conceito para definir que:

O ato ilocucionário atribui a esse conjunto (*proposição* ou *conteúdo proposicional*) uma determinada *força*: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc. (...) Note-se que se trata de uma maneira de designar o *quê* e o *como* do enunciado, de que se falou anteriormente. (KOCH, 2000, p. 19-20)

E para o terceiro ato de fala a autora explica que:

Ato perlocucionário é aquele destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc., efeitos que podem realizar-se ou não. (KOCH, 2000, p. 20)

Mas é importante ter em mente que todo ato de fala irá apresentar, ao mesmo tempo, os três diferentes tipos de atos, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, pois caso contrário não poderia ser determinado como um ato de fala. Assim, "sempre que se interage através da língua, profere-se um enunciado lingüístico dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aquele que o locutor tinha em mira". (KOCH, 2000)

Portanto, a linguagem é uma atividade que não deve desconsiderar o seu aspecto social, e que toda ação lingüística é composta por um enunciado, produzido com uma determinada intenção, um propósito, sob certas condições para se atingir um objetivo e suas conseqüências desta ação. Para que o locutor venha a atingir o seu objetivo primeiro, é necessário também assegurar condições para que o receptor seja capaz de reconhecer a intenção, compreender o objetivo do que se busca com a intenção do ato da fala do emissor, e aceitar este objetivo demonstrando a reação ou comportamento a que o emissor visava.

O caráter pragmático fica evidenciado na seu caráter "retorical". O uso deste termo é muito tradicional, referindo-se ao estudo do uso efetivo da linguagem na comunicação. Contudo, uma vez que a retórica tem sido compreendida, num tradicional histórico, como a arte do uso habilidoso da linguagem para persuasão ou para expressão literária, ou para oratória, tenha a idéia do efetivo uso da linguagem no seu sentido mais amplo, aplicando-o principalmente na conversação diária, e somente depois para o uso público da linguagem.

E dentro dos eventos de convívio social, ao usufruir do uso da língua como meio de comunicação, são impostas certas regras para que ela se realmente se concretize, para a interação e compreensão do que se comunica. LEECH (1983) diz que "comunicar-se é resolver problemas", pois de um lado está o locutor, que busca o melhor meio para atingir seus objetivos junto ao receptor através do uso da linguagem; do outro está o receptor que se pergunta da intenção do locutor ao se expressar. O locutor é alguém que procura alcançar seus objetivos dentro de limitações impostas por princípios e máximas do bom comportamento comunicativo.

Então são estabelecidas regras retóricas de para um bom funcionamento discursivo. Deveria o termo retórica ser utilizado como um conjunto de princípios para a conversação nos quais são relacionados por suas funções. Distinguem-se duas retóricas: a interpessoal e a textual. Cada uma delas consiste num grupo de princípios, que por sua vez consistem num grupo de máximas. De acordo com a terminologia teorizada por Grice, temos dentro da retórica interpessoal o Princípio de Cooperação, subdividido em quatro máximas (de Qualidade, de Relação, de Modo e de Quantidade). Conjuntamente a este princípio, agora desenvolvidos por

Leech, temos o Princípio de Polidez, subdividido em quatro máximas (de Tato, de Generosidade, de Aprovação, de Modéstia, de Entendimento e de Simpatia); e o Princípio de Ironia. Na retórica textual temos o Princípio de Processamento, o Princípio de Clareza, o Princípio de Economia e o Princípio de Expressividade. (LEECH,1983)

O Princípio de Cooperação, criado por Grice, tem a função de regulamentar as relações sociais, pois permite supor que os interlocutores estão interagindo ao serem cooperativos, um mínimo necessário para que exista a intenção do processo comunicacional, assim é possível que a interlocução se efetue de forma adequada. Neste princípio existem quatro máximas que definem melhor as regras do bom funcionamento discursivo:

a. Máxima de Quantidade: dê exata e somente a informação necessária / não informe mais do que o necessário;

b. Máxima de Qualidade: tente informar sempre a verdade / não diga o que você imagina ser falso / não diga aquilo que você não tem evidência suficiente;

c. Máxima de Relação: seja relevante;

d. Máxima de Modo: seja claro / evite expressões obscuras / evite a ambigüidade / evite a prolixidade / seja organizado.

Considerando a relação com o programa “Malhação, é possível perceber que no uso intencional das palavras e expressões, apresentadas de várias formas com o uso da gíria, existe a presença de algumas máximas, principalmente para que ocorra a cooperação por parte do público-alvo, tornando-se um espectador cooperativo. Não apenas acreditando nas convenções apresentadas pela

narrativa, mas também as incorporando, legitimando-as, posteriormente, quando passar a as utilizar.

Leech foi responsável e apresentar os demais princípios que foram delineados para a retórica interpessoal, como o Princípio de Polidez, que tem uma importância fundamental não só no conteúdo comunicativo, mas também na maneira pela qual uma comunicação é estruturada e conduzida pelos envolvidos. Na realidade, é possível encontrar uma relação entre os Princípios de Cooperação e o Princípio de Polidez, pois como indica LEECH:

Here we should consider the general social function of these two principles, and the 'trade-off' relation between them. The CP [Cooperative Principle] enables one participant in a conversation to communicate on the assumption that the other participant is being cooperative. In this the CP has the function of regulating what we say so that it contributes to some assumed illocutionary or discoursal goal(s). It could be argued, however, that the PP [Politeness Principle] has a higher regulative role than this: to maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative in the first place.¹⁰ (LEECH, 1983, p. 82)

O Princípio de Polidez também possui as suas máximas que procuram aperfeiçoar o bom funcionamento discursivo. Embora não exista, para a Pragmática, uma definição conceitual, aceita-se que este princípio acarreta no uso de estratégias verbais com a finalidade de manter a interação, isenta de dificuldades, durante a comunicação. Também é uma situação que visam à transmissão de uma imagem positiva do usuário da linguagem, procurando um retorno favorável a sua intenção. Ante o uso da máximas, pode-se destacar:

- a. Máxima de Tato: minimize o custo ao outro / maximize o benefício ao outro;

¹⁰ “Aqui devemos considerar a função social geral destes dois princípios, e a relação ‘comercial’ entre eles. O PC (Princípio de Cooperação) permite ao participante na conversação, comunicar sua intenção uma vez que o outro participante está sendo cooperativo. Neste, o PC tem a função de regular o que dizemos, contribuindo para assumir as regras ilocucionárias. Poderia estar argumentando, entretanto, que o PP (Princípio de Polidez) tem de regra mais singular: manter o equilíbrio social e as relações de amizades que nos permite presumir que os interlocutores estão sendo cooperativos num primeiro momento.” Tradução do autor.

b. Máxima de Generosidade: minimize o benefício a si mesmo / maximize o custo a si mesmo;

c. Máxima de Aprovação: minimize a crítica ao outro / maximize o elogio ao outro;

d. Máxima de Modéstia: minimize o elogio a si mesmo / maximize a crítica a si mesmo;

e. Máxima de Entendimento: minimize o desentendimento entre você e o outro / maximize o entendimento entre você e o outro;

f. Máxima de Simpatia: minimize a antipatia entre você e o outro / maximize a simpatia entre você e o outro.

Leech também conceitua o Princípio de Ironia que apresenta uma maneira aparentemente simpática do locutor ser ofensivo. O uso da ironia depende de fatores como o contexto de situação, interação e interlocução e características da mensagem. Ela é proposital e alaborada, não sendo explícita e fornecendo um julgamento negativo.

Ao se utilizar da ironia, explora-se o Princípio de Polidez, com a finalidade de procurar sustentar em um nível mais remoto o Princípio de Cooperação. O Princípio de Ironia, na verdade, possui até certo ponto, uma função auxiliadora, desde que permita que a agressão por parte do emissor venha a se manifestar de forma menos perigosa do que por uma crítica direta, insultos ou ameaças. Como definiria LEECH:

Irony is in fact a second-order principle, which builds upon, or exploits, the principle of politeness. The Irony Principle (IP) may be stated in a general form as follows 'if you must cause offence, at least do so in a way which doesn't overtly conflict with the PP, but allows the hearer to arrive at the offensive point of your remark indirectly, by way of implicature'. Irony typically takes the form of being too obviously polite for the occasion.

This can happen if s [speaker] overvalues the PP by blatantly breaking a maxim of the CP in order to uphold the PP.¹¹ (LEECH, 1983, p. 82)

Caso tais máximas venham a entrar em conflito, pode existir uma predominância de uma delas, ou seja, uma máxima pode sobrepor-se a outra(s). Existe também possibilidade do emissor infringir intencionalmente uma das máximas, cabendo, portanto, ao receptor descobrir a intencionalidade deste ato, nestes casos tem-se uma implicatura conversacional. Ironias, metáforas e subentendidos seriam explicáveis através deste conceito.

O respeito a esses postulados e sua utilização pelos autores do programa leva à persuasão do receptor, ato de induzi-lo a crer ou aceitar determinadas palavras e expressões. Lembrando que existe também uma relação constante entre a aceitação do conteúdo de uma mensagem e a forma pela qual ela é transmitida. No caso estudado, aparece a possibilidade do programa já apresentar um conteúdo que venha a captar a atenção do receptor, ficando mais favorável a persuasão.

O programa “Malhação” na sua ação intencional no uso da linguagem pode caracterizar a Pragmática como uma metalíngua para o seu uso, respeitando os princípios pragmáticos, elevando a linguagem acima de um nível de simples objeto. Leva a uma aquisição, por parte dos telespectadores, das palavras e expressões, cobrindo-as de interpretações pessoais, referente aos seus próprios entendimentos e conhecimentos, bem como ao uso que venham a fazer. Este

¹¹ “Ironia é de fato um princípio secundário, o qual é construído sobre, ou explorando, o princípio de polidez. O Princípio de Ironia (PI) poder ser baseado, em geral, na seguinte norma: ‘se você deve causar ofensa, ao menos faça-o de um jeito que não entre em conflito com o PP, mas permita ao receptor entender o ponto de ofensa indireto do seu comentário, através de implicaduras’. Uma ironia típica usa uma forma de ser tão obviamente polida para a ocasião. Isto pode acontecer se o e (emissor) supervalorizar o PP, rompendo descaradamente a máxima do PC para fazer sustentar o PP.” Tradução do autor.

processo é o que se pode determinar como recontextualização, proporcionando novas circunstâncias e condições para o uso das palavras e expressões adquiridas. Inclusive, criando maiores possibilidades para o uso não-convencional, lembrando que a gíria já oferece esta característica, mas pode ser ampliada, dependendo do contexto.

2.4 A LINGUAGEM HUMANA

Os conceitos da Pragmática são os norteadores deste trabalho. Porém, é importante apresentar algumas noções gerais sobre a linguagem humana que contribuirão para um posterior entendimento. A linguagem é determinada pela significação de conceitos que a sociedade impõe para as suas formas de comunicação, uma espécie de combinação, de acordo social entre os indivíduos para se valer das suas significações. Estas regras contribuem com as convenções de significado e definição, além da padronização das relações entre as palavras e as experiências subjetivas de significado que elas podem apresentar.

Esta é uma situação de extrema complexidade, pois é a relação e a compreensão da realidade na qual os indivíduos estão inseridos é que determinam a maneira como será orientada a linguagem, tentando conceituá-la, convencioná-la, que irá determinar a maneira de como cada uma dos indivíduos se comportarão. Portanto "essas três questões - conceituação, convenções e conseqüências comportamentais - de há muito têm sido básicas na análise do saber humano e da condição social humana. São igualmente as fundações do relacionamento entre linguagem e comportamento". (DeFLEUR , 1993)

Revedo sumariamente, conceito é fundação do conhecimento, do saber humano e o início de uma teoria da comunicação humana, representando a maneira dos indivíduos se relacionarem com a realidade, proporcionando as experiências no ambiente físico e, posteriormente, social. Convenção da linguagem refere-se a regras aceitas socialmente para interpretar palavras que surgem nas relações sociais entre aqueles que compartilham esta mesma linguagem, ligando um determinado vocábulo às experiências, ou seja, símbolos a significados, tornando-se fundações da comunicação humana. E conduta é consequência do conhecimento da realidade no comportamento dos indivíduos ao compartilhar das convenções sociais.

Justificando a linguagem como um meio para o conhecimento da realidade, DeFLEUR teoriza que:

Pareceu indispensável, portanto, fazer um estudo especializado das diferentes línguas em uso de modo a entender princípios comuns de como significados eram transmitidos por sons, palavras e arranjos de palavras. O campo da lingüística iniciou-se com o estudo comparativo das línguas. (DeFLEUR, 1993, p. 268)

A memória humana possibilita a criação do conhecimento, este só existe sob forma de conceitos - estruturas intituladas de significados lembrados pelos indivíduos de uma sociedade. Significados surgem por contato sensório direto com vários aspectos da realidade, ou por intermédio de interação simbólica em uma comunidade de linguagem. A linguagem é essencialmente um conjunto de símbolos (verbais ou não-verbais) que rotulam significados previamente ajustados. As convenções padronizam os vínculos entre símbolo e significado, possibilitando a comunicação entre aqueles que aderiram às regras. E os símbolos e convenções da linguagem combinados e usados por determinados indivíduos

modelam suas percepções de, interpretações de, e condutas para com seus mundos físico e social.

2.4.1 A linguagem humana na visão da Pragmática

Na perspectiva da pragmática, a linguagem não deve tentar ser compreendida apenas como um meio pelo qual é possível realizar a representação de coisas ou fatos do mundo interno ou externo, ou expressar estados e sensações interiores ou privados; mas sim como uma atividade, expressa em ação, como um comportamento expressivo.

Esta situação proporcionou uma capacidade do ser humano em reagir aos estímulos existentes no meio ambiente, bem como aos estímulos internos do próprio organismo. Esta reação é transformada em sons e traços articulados que organizam simbolicamente a experiência, criando um meio para lidar com a realidade. Portanto, usar a linguagem é reagir, de certa forma, às solicitações ocorridas na relação do ser humano consigo mesmo, com seus semelhantes e com os objetos externos.

A perspectiva pragmática parte do princípio naturalista de linguagem em que os fenômenos podem ser “reduzidos” a fatos empíricos, sem a necessidade de forças “transcendentais”, mas não significa necessariamente a adoção do reducionismo behaviorista – esta teoria explica a linguagem em termos de “reação de um organismo”; já a teoria pragmática a descreve como uma “ação de um agente”. Portanto a frase é uma ação, as palavras acabam se tornando instrumentos de uma agente para a realização de intenções, sejam estas conscientes ou não.

Assim, a linguagem se torna necessariamente intencional, em si mesma ela carrega a intenção que leva à realização da linguagem, não deve ser utilizada apenas buscando realizar um objetivo, mas considerando a performatividade, inerente à linguagem, não algo que se acrescenta a esta. A energia não é, portanto, exterior ao ato lingüístico, mas uma de suas propriedades. Desta maneira, usar as palavras é agir, dentro de um determinado contexto, visando a certos objetivos, porém originando uma multiplicidade de usos, que carregam em comum apenas uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõe e entrecruza.

O atos de representação ou expressão constituem apenas uma das múltiplas possibilidades de fins para o uso da linguagem, embora seja possível tentar apreender estes diversos usos em uma única função, percebe-se que não é uma tarefa com uma única visão, exata, pois a forma do ser humano compreender e lidar com a realidade não pode ser caracterizada a partir de uma única função. Em teoria, o uso da linguagem pelo ser humano também não se apresenta de forma arbitrária ou sem lógica, pois cabe ao contexto determinar as regras para a sua utilização.

Outro ponto importante é em relação ao sentido. A linguagem não apenas veicula um sentido, ela o realiza. O sentido não é prévio a sua expressão lingüística, muito menos é o resultado da relação de elementos vazios de significação. Compreender a linguagem é compreender o sentido porque este é propriedade da ação particular que é a linguagem. A origem do sentido está na própria linguagem, pois ao se questionar o sentido de determinadas palavras,

questiona-se a própria finalidade. O significado da palavra é o seu uso na linguagem.

Querer investigar o sentido do uso de uma palavra é analisar a própria linguagem, significando ter de compreender o contexto do seu uso. O contexto define as regras que o ser humano é levado a obedecer quando faz o uso das palavras. Algumas destas podem ser mais visíveis, mas são sempre inerentes nos diversos usos da linguagem, organizando o sentido. Deve-se ressaltar que a identidade semântica no uso de uma palavra e o seu reconhecimento somente são possíveis quando se tem um acordo no julgamento de seu uso pragmático. Isto define que é preciso existir um consenso interpessoal sobre a verdade e a falsidade de um amplo corpo de proposições empíricas. O acordo na comunicação é feito sobre julgamentos e não sobre definições.

A partir do momento em que se abolir a idéia de representação como sendo aceitável para descrever a função da linguagem, pode-se admitir a noção de crença. Segundo Peirce, ela é “uma regra para a ação” uma ferramenta para lidar com a realidade, uma determinação acerca de como responder a certas contingências. A crença é adquirida, retida e modificada para ser utilizada como resposta aos eventos que fazem parte da realidade do ser humano.

O sujeito, na perspectiva pragmática, pode ser explicado como uma rede de crenças e desejos que deve ser entendida como a causa interior do seu comportamento lingüístico. O sujeito é esta rede, nada mais do que isto. E a rede não deve ser percebida como um conjunto imutável, pois está em permanente processo de reconstrução porque recebe estímulos constantes, que causam respostas, e conseqüentemente, podem adquirir ou banir crenças.

O sujeito passa a funcionar como um nome coletivo e designar todos os “eus”, todas as formas de articulação de crenças e desejos que um organismo singular é instado a organizar, e que podem ser postulados como causas de seu comportamento. Ou ainda, o conjunto de combinatórias lingüísticas que a história de cada um e o imaginário social impõem.

Portanto, é inevitável, ao relacionar-se com o sujeito, tentar compreender sua conduta em função da multiplicidade de crenças e desejos que o determina, em função da sua rede. A perspectiva da pragmática quanto à linguagem está sempre lembrando que todos os conceitos nasceram em contextos precisos, tem a marca e os limites do seu tempo, e que foram criados para atender expectativas ou necessidades humanas.

2.4.2 A linguagem como socialização

Existem diferentes concepções para se definir a linguagem. De uma maneira sintetizada pode-se apresentar três modelos principais: como representação do mundo e do pensamento, sendo a função da linguagem representar (refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo; como instrumento de comunicação que considera a linguagem como um código para transmissão de informações ente emissor e receptor; e como forma de ação ou interação.

Para este trabalho será utilizada esta terceira concepção, que

considera a linguagem como atividade, como forma de ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que exigem dos semelhantes e/ou comportamento, levando ao estabelecimento de vínculos e compromisso anteriores inexistentes. (KOCH, 1993, p.9-10)

Cabe lembrar também que a idéia mais ampla ao se apresentar o termo comunicação é que se trata de um processo - no sentido de um fenômeno em constante mutação, cujas as partes integrantes influenciam umas as outras e cuja ocorrência, por seus dinamismo intrínseco, não tem começo nem fim fixos. Ou seja, processo se refere a um fenômeno que está sempre sendo transformado e transformando-se.

Mas para uma definição que venha a permitir uma melhor análise para o desenvolvimento desse trabalho, considerar-se-á duas dimensões: a comunicação coletiva, também rotulada de "comunicação de massa" ou "comunicação social", que envolve o intercâmbio de informação entre os sistemas de comunicação conhecidos pelos seus canais, no caso a televisão, e seus públicos, considerando-se os adolescentes; e a comunicação interpessoal que envolve situações de interação entre duas pessoas ou entre os membros de um grupo.

Em ambos os tipos de comunicação, interpessoal e a utilizada pela mídia, os objetivos intencionais são os mesmos, dependendo dos efeitos que se procuram atingir nos receptores. Estes efeitos se tornam mais evidentes com uma ação externa, expressada normalmente no comportamento. Porém, existem diversos fatores que interferem no processo como a crença e valores do receptor, a importância da mensagem que é dada pelo receptor, a credibilidade e prestígio do emissor, a empatia que o receptor tem em relação ao emissor, a capacidade de decodificação da mensagem por parte do receptor e a situação em particular que ocorre o processo de comunicação.

Os estudos desenvolvidos pela Pragmática procuram perceber as intenções ocorridas durante a comunicação, além disso, existe a preocupação não apenas

em elencar os resultados deste aspecto, mas contribuir para que a comunicação não apresente problemas entre a intenção do emissor e o entendimento do receptor.

2.4.3. O uso da linguagem pelo adolescente

Antes de apresentar a maneira como o adolescente utiliza a linguagem, é relevante salientar que o jovem, normalmente, participa e interage com uma organização social. Por organização social pode-se definir como a divisão da sociedade em grupos sociais, bem como a determinação dos valores e das normas que condicionam o funcionamento desses grupos. Eles variam levando-se em consideração alguns fatores, tais como o tamanho (número de indivíduos), os princípios de recrutamento (adesão), o grau de influência sobre o comportamento dos membros, a complexidade de sua organização e as funções que realizam.

A linguagem é um dos fatores que contribuem para que exista uma diferenciação entre determinados grupos sociais, pois ela é pertinente ao entendimento e à cooperação entre os seus membros. O conhecimento de determinadas palavras e expressões podem constituir na aceitação ou não em um determinado grupo social.

O ser humano possui a necessidade de relações sociais, bem como a sua satisfação psicológica, de personalidade, depende de certa forma da relação com outros indivíduos. A capacidade de estar inserido ou não em um grupo está relacionada com a capacidade de comunicação, o uso da linguagem como acesso ao seu semelhante.

Na concepção deste trabalho, cabe destacar que o uso da linguagem pelo adolescente dentro do seu grupo social, revela-se também na importância da intenção enquanto estes são determinantes do processo de comunicação. Pois, na comunicação existe sempre uma intenção básica, na qual o emissor “espera que o receptor selecione sua mensagem, a compreenda, a aceite e, finalmente, a aplique”. (BORDENAVE,1983) Porém, o receptor também atua neste processo porque também possui sua intenção primeira: “deseja selecionar o que é importante para ele, entender, avaliar para decidir se aceita ou não, e aplicar o que acha válido na mensagem”. (BORDENAVE,1983)

Junto com o conteúdo do processo comunicacional, os interlocutores podem ter diferentes intenções durante o processo de comunicação interpessoal que procuram ser a expressão de simpatia/antipatia, de indicar superioridade/submissão, de oferecer ou solicitar amizade/ódio, de confirmar a auto-imagem, entre outros. As relações interpessoais podem ser simétricas, que minimiza as diferenças entre os indivíduos, ou complementares, que maximiza as diferenças entre os interlocutores.

É notória a condição de que os adolescentes venham a possuir uma língua própria, para uso determinado, normalmente conhecida como gíria ou jargão. Uma variedade lingüística da norma padrão (sendo que se considera como língua padrão o que é reconhecido como língua culta, ou seja aquela que apresenta a toda a formalidade e obedece as regras oficiais da língua portuguesa, percebida principalmente nos discursos acadêmicos e tida como a língua que define um prestígio social) socialmente condicionada que, normalmente, os adolescentes

desenvolvem com a finalidade de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao seu grupo social.

A origem da gíria, bem como sua evolução, baseia-se nas seguintes considerações:

A propósito de "gíria" como palavra, os lexicólogos não se entendem muito quanto a sua origem. Adolfo Coelho liga-a a "geringonça", vindo do espanhol *jeringonza*, que a Academia tira de *jerga* e faz proceder de uma raiz onomatopaica *garg-*, como o latim *garrere* (parlar, chilrear), de onde o nosso "gárrulo". Nada certo. Em francês "argot" e "jargon", que deu o nosso jargão, também são de origem obscura, provavelmente, ligados ao italiano *gergo*, que Zingarelli dá como termo onomatopaico. "Calão", que é sinônimo de gíria "da pesada", "palavras de baixo calão", vem do espanhol *caló*, onde significa linguagem de "gitanos" (ciganos ou malandros). (GARCIA in RECTOR, 1975, P.113)

Ainda tem-se a seguinte definição para o termo:

Também em inglês, "slang" não tem étimo conhecido. Eric Partridge com toda a sua autoridade, liga-o reticentemente a "sling" (atirar, arremessar), do qual seria um participio, argumentando que "sling of at" também é "abusar, escarnecer", e que em norueguês antigo "slengja kjeften" significa "usar gíria", (literalmente "atirar o queixo"). (IDEM)

Slientando a dificuldade em se ter um total entendimento a respeito da origem do termo gíria:

Finalmente, há "germania", que em português quer dizer "gíria antiga". E aqui a terceira coincidência: também germania vem do espanhol, de "germania", que a Academia Espanhola tira do latim *germanus* (irmão), pois é sempre uma irmandade, uma confraria ou grupo que usa gíria, como defesa, afirmação ou provocação. (GARCIA in RECTOR, 1975, P.113-114)

O emprego da gíria tende a proporcionar o fácil reconhecimento dos integrantes deste grupo restrito. Este comportamento é um elo de identificação espontâneo. A gíria é uma variante lingüística que está sujeita a continuas transformações com a passagem do tempo, possuindo um período efêmero. Para ter-se uma melhor definição do conceito de gíria ou jargão, ABAURRE explica que:

é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo ou categoria social com o objetivo de servir de emblema para os membros do grupo, distinguindo-os dos demais falantes da língua. A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo. (ABAURRE, 1999, p.8)

Ainda, para efeito de conclusão, a autora afirma que a gíria "tem um caráter contestador por natureza e, por esse motivo, costuma acompanhar outros comportamentos de crítica, transgressão e/ou contestação dos padrões sociais vigentes". (ABAURRE, 1999)

Poderia também ser a linguagem popular no seu cunho mais expressivo, uma linguagem nova, que revela o modo de ser daqueles que as inventaram e as utilizam. Representativa para definir uma coletividade, a gíria tem um caráter de dissimulação, de representação e do manejo de imagens, Uma atitude estilística de intencional desrespeito à norma oficial, sendo efêmera e incostante nos seus termos e vocabulários, mas imortal na sua essência.

Como já foi proposto, a televisão procura atingir seus índices de audiência através da aceitação do seu programa por um número maior de telespectadores. Assim, ao utilizar os postulados pragmáticos na criação dos textos, o "Malhação" cria uma empatia nos seus telespectadores, que possui como público-alvo os adolescentes. Isto resulta na incorporação de novos elementos lingüísticos por parte destes adolescentes, tanto para conseguir a aprovação por parte de outros indivíduos que venham a pertencer a grupos sociais nos quais pretendem estar inseridos. A aquisição destes elementos lingüísticos e sua forma de utilização nas suas relações dentro do convívio escolar, mostrar-se-ão evidentes no uso da fala, e posteriormente na escrita.

2.5 REFLEXOS NO PROCESSO EDUCACIONAL

A escola, como agente formadora dos indivíduos da própria sociedade que ele está incluída, tem a necessidade de aceitar o conceito que a televisão não deve ser apenas discriminada ou condenada por suas características como meio. Afinal, a televisão é um resultado da sociedade e deve ser percebido como um instrumento para educar.

Hoje a televisão tornou-se instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações. (FERRÉS, 1997, p. 10)

Cabe a escola perceber que é preciso criar métodos que venham a contribuir no entendimento da linguagem audiovisual utilizada pela televisão. Uma análise crítica do seu processo, bem como usar o meio como forma de relação entre o conteúdo das disciplinas ensinadas e a realidade dos próprios estudantes. A instituição escolar tem a obrigação de analisar e compreender os conteúdos apresentados pela televisão, pois eles fazem parte da realidade dos estudantes. A televisão é um fenômeno de cultura evidente e que acabou recebendo uma área de credibilidade perante os grupos sociais que não deve ser apenas ignorada. Os estudantes tendem a ser mais facilmente "educados" através dos conteúdos vistos na televisão do que em sala de aula. Como afirma CITELLI:

em maior ou menor grau nossas formas de ver e de sentir sofrem as influências das seqüências fragmentadas, da rapidez, da linearidade, da presença marcante da imagem. Tais procedimentos, para nos restringirmos aos mais evidentes, têm alcançado o universo da escola e das conseqüentes ações desenvolvidas pela educação formal. (In CHIAPPINI, 1997, p.17)

A preparação por parte da instituição escolar, representada principalmente por seu corpo docente, deve estar vinculada não apenas na análise e crítica do conteúdo da linguagem audiovisual da televisão, mas também perceber que este veículo de comunicação, como formador cultural, interfere nos espectadores, que também são estudantes.

Assim, uma parte dos conhecimentos e da formação cultural que um estudante possui é oriundo da televisão. E como já foi descrito, como espectador, o estudante irá incorporar a linguagem apresentada nos programas a que assiste, utilizando os vocábulos, conscientemente ou não, desta incorporação nas suas relações cotidianas, seja para se manter ligado a um grupo, temendo ser rejeitado por não conhecer o significado de determinadas palavras ou expressões.

Para aqueles que estão envolvidos com o processo de educar estes telespectadores adolescentes, e que são também estudantes, é preciso ressaltar que não se deve, em primeiro lugar, posicionar a televisão como um "deturpadora" do comportamento ou da linguagem. Posteriormente é necessário que se entenda a linguagem que ela dispõe, compreendê-la, para depois desenvolver propostas metodológicas para análise dos diversos tipos de discursos que ela apresenta.

FERRÉS salienta que:

Como ferramenta, pode ser tão indispensável numa primeira fase aproximação crítica ao meio como desnecessária depois, porque o objetivo final é chegar a esquecê-lo a partir do momento que seus mecanismos de análise tenham sido internalizado pela prática contínua. (FERRÉS, 1996, p.80)

A partir desta preocupação, na formação das metodologias, e na preparação dos profissionais em educação é que se pode avaliar e conhecer o comportamento dos estudantes ao se apropriarem e reproduzirem os modelos

lingüísticos emitidos pela televisão, não somente nos discursos orais, mas também na produção de textos.

O corpo docente deve criar a competência de verificar estas influências que a mídia televisiva fornece, pois não há como negar que os estudantes pertencem a uma geração que foi acostumada com a linguagem audiovisual. "O ideal seria que os alunos fossem capazes não somente de compreendê-los¹² em profundidade, mas também de expressar-se por intermédio. Não sendo assim, estariam condenados a ser simples receptores passivos e não-críticos". (FERRÉS, 1993)

Ou ainda confirmando a crise vivida pelas instituições educacionais em reconhecer o fato que existem outras linguagens, além daquelas já consagradas pela repetição dos modelos da educação tradicional; e que estas linguagens estão presentes na realidade das escolas. Como relata CITELLI:

o descompasso existente entre o discurso didático pedagógico e as linguagens não institucionais escolares. Uma formalizando as ações na sala de aula, constituindo a natureza "única diferenciada" do discurso escolar; a outra pressionando "de fora", existindo na fala dos alunos, tomando boa parte do seu tempo, circulando de forma subterrânea. (in CHIAPPINI, 1997, p. 21)

Ainda sobre este assunto, cabe o resgate da necessidade de capacitar os profissionais da educação para compreender e trabalhar com esta nova realidade surgida, sendo preparado para se tornar um mediador entre os estudantes e as novas condutas éticas, políticas e filosóficas inerentes a esta situação. CITELLI sugere que:

é preciso considerar, porém, que a presença das novas tecnologias no cotidiano dos alunos obriga - e obrigará cada vez mais - a se repensar as próprias estratégias de formação dos profissionais em educação. E, no que diz respeito aos educadores em exercício. Serão necessários programas de formação continuada em serviço com vistas a responder às demandas colocadas por aquelas linguagens. (IDEM)

¹² Referência aos códigos da expressão audiovisual.

A gíria dos estudantes é uma língua especial, própria do grupo ao qual eles pertencem. Trata-se de termos e expressões que são empregadas para que eles venham a conseguir se diferenciar, na intenção de não serem compreendidos, principalmente pelos professores e sejam identificados como estudantes.

Como exemplo, os estudantes pesquisados reconheceram que as palavras e expressões apresentadas dentro de uma amostragem selecionada, como a expressão “fofucho”, pertenciam ao programa "Malhação", da Rede Globo. Além disso, confirmaram que alguns deles utilizam algumas destas palavras ou expressões e até mesmo percebem que outros estudantes o fazem. E boa parte não as reconhece como sendo uma gíria restrita, mas que são palavras pertencentes ao vocabulário "normal" da língua portuguesa e que podem ser utilizadas normalmente em suas falas do cotidiano, até mesmo nas atividades escolares.

A gíria é a comunicação entre os estudantes e não se aprende na escola. E a língua ensinada na sala de aula pode conter termos e expressões que não fazem parte do interesse destes alunos, não conseguindo obter a atenção necessária. Mas a língua padrão não deve demonstrar temor, aceitando que a gíria é uma forma de comunicação cotidiana que possibilita o entrosamento entre os estudantes. Trata-se de uma fase passageira que deve ser compreendida e trabalhada pelos educadores.

A televisão pode ser indutora de comportamento, o telespectador aprende por observação ou por imitação, ou seja, tudo o que não se consegue aprender por experiência direta, pode-se por submissão ou imitação de modelos pelos quais se

tem empatia, sendo um instrumento eficiente de penetração cultural ao favorecer o aprendizado de conhecimento e comportamentos. Este meio de comunicação também é fonte de socialização, não apenas pela observação indireta, mas também pela interpretação que faz da realidade.

Cabe lembrar que a televisão, ao utilizar da sua condição como instrumento de mídia, modifica todo o complexo físico e psíquico do telespectador, sua forma de pensar, de agir, de perceber o mundo. "Para que os meios provoquem essas transformações é preciso que eles sejam assumidos pessoal e socialmente. Ou seja, é imprescindível que a pessoa os internalize, os assuma, convertendo-os em suas extensões" (FERRÉS, 1996).

A princípio, o uso destas palavras ou expressões ocorre porque os estudantes que fizeram parte desta pesquisa costumam assistir à "Malhação", uma vez que estudam pelo período da manhã e possuem as tardes livres para fazê-lo. Outra razão é acreditarem que o programa traz assuntos relevantes para suas vidas, pois tenta ser fiel à realidade dos adolescentes, mostrando "verdadeiramente o que o jovem sente/passa".

3 PRAGMÁTICA E O PROGRAMA “MALHAÇÃO”

Como já foi apresentado, a televisão é um veículo de comunicação que, atualmente, fragmenta todos os seus programas, principalmente porque visa a públicos–alvo diferenciados. A dinamicidade decorrente dos interesses econômicos faz com que exista a preocupação em vender ideologias e produtos a estes públicos diferenciados. E há algum tempo a televisão vem descobrindo que o adolescente é um potencial econômico considerável. Portanto a mídia televisiva tem a necessidade em se aproximar deste telespectador, e a opção essencial é o uso da linguagem que permita uma maior empatia entre emissor e receptor.

O programa “Malhação”, da Rede Globo, é um exemplo de análise no qual demonstra que este processo da busca pela reciprocidade pode ocorrer. Ele foi criado com dois propósitos principais: o primeiro, ser uma telenovela que não possui número determinado de capítulos para terminar, como consequência precisa manter os seus níveis de audiência para não ser retirada da programação; segundo, foi elaborada pensando principalmente no público adolescente, que mostrasse a realidade de uma parcela do jovem brasileiro.

Ao se verificar a linguagem utilizada pelos atores durante o programa, tendo como princípio a Pragmática, pode-se considerar que alguns dos seus pressupostos foram respeitados e estão presentes dentro do processo de comunicação. Sendo a Pragmática o uso da linguagem nos contextos sociais, ela está representada junto ao programa “Malhação” porque ele tem sua

dramatização centrada no adolescente. A realidade, os anseios, os desejos, as atitudes e outros pontos comportamentais e psicológicos são representados durante o programa, assim, também se representando a linguagem juvenil. Portanto é possível analisar através dos conceitos pragmáticos, o uso desta linguagem por parte dos adolescentes em seu meio social, nas suas relações sociais. A relação existente entre a linguagem e a situação de comunicação em que ela está sendo utilizada.

Analisando desta forma, também pode-se considerar a linguagem utilizada pelos redatores da telenovela é uma situação típica de uma processo criado pela sociedade, quando da necessidade de se trabalhar os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, no seu interesse em conseguir a obtenção da audiência, atingindo o público específico. Ao trabalhar a produção dos textos que serão representados, a escolha dos léxicos e a forma de interpretação são escolhas intencionais. Seria, portanto, também um uso específica pela televisão, uma relação entre a linguagem e uma situação comunicacional.

Posteriormente, pode-se verificar com os telespectadores adolescentes que incorporaram os termos lingüísticos apresentados pelo programa e o seu uso nas suas relações sociais. A incorporação das gírias proporcionarão reflexos nos ambientes em que estes jovens estão inseridos e com outros indivíduos com os quais se relacionam.

O principal princípio pragmático respeitado mutuamente entre a televisão e o telespectador é o Princípio de Cooperação – Grice sustenta a idéia de que a comunicação tem como base a cooperação entre aqueles que buscam se

comunicar. Os usuários da comunicação a utilizam porque têm a intenção de obter algo, e a cooperação é um mínimo para desencadear este processo. A televisão, para atingir os seus objetivos de audiência – sua circunstância primordial - junto aos telespectadores, procura respeitar as máximas conversacionais para fins eficientes da linguagem, mesmo por que o telespectador tem expectativas sobre a própria televisão.

Como as circunstâncias já são pré-definidas, uma vez que os telespectadores já esperam a que assistir dentro do programa, a Máxima de Qualidade, a de Relação e a de Quantidade são respeitadas. Portanto os valores que são veiculados, bem como a linguagem que se utiliza na elaboração dos diálogos, pretendem ser baseados na verdade; há os procedimentos de relevância, pois é preciso ser conciso e objetivo para se conseguir que a linguagem se aproxime da normalmente utilizada pelos adolescentes; e a informação é tão precisa dentro deste contexto quanto exigida, pois é necessária para o desenvolvimento da telenovela.

Em relação à Máxima de Modo, pode-se perceber que apesar de utilizar palavras que possuam um duplo sentido ou até mesmo com um sentido deslocado do seu original, pois é uma característica da gíria. A quebra desta máxima não compromete o processo de comunicação, pois estas palavras já são esperadas e estão apresentadas dentro de um contexto que tem como fator usual o aparecimento da gíria. A violação desta máxima reforça um efeito contrário no processo de aproximação entre os usuários.

A grande intenção comunicativa por parte dos redatores de “Malhação” é procurar criar uma empatia entre o programa e os seus telespectadores, que

são na sua maioria adolescentes. A linguagem elaborada por estes redatores é auxiliada também pela temática e pela maneira como os atores representam esta linguagem. E o telespectador cooperativo já está preparado para aceitar a maneira como é realizado este processo.

O Princípio de Polidez, conceito criado por Leech, pode ser analisado dentro da ação dos diálogos desempenhados pelos atores durante do programa. E a sua quebra intencional é para determinar o “clímax” no enredo da dramatização. E assim, ser enfatizado para a finalização da temática.

Imaginando a relação entre o programa e o telespectador, a polidez pode ser revista como a maneira em que os autores de “Malhação” devem procurar manter a imagem do que é veiculado. A rotinização da forma em que são finalizados os capítulos – ao término do capítulo diário com uma incitação à expectativa e ao final da temática bisemanal, com aquele condicionamento do “final feliz” - pode emprestar ao programa uma simbologia de “crença” (o esperar do discurso que procura sempre a incitação à curiosidade) e “esperança” (o saber do discurso de um final com êxito). É um procedimento que reafirma a imagem do programa junto aos seus telespectadores pois cria uma certa freqüência de situações nos discursos, que esperam sempre por este ritmo, por este “ritual”.

Há uma questionamento quanto a verificar se a criação dos textos interpretados pelos atores adolescentes são de iniciativa própria dos redatores do programa ou apenas uma apropriação de termos já decorrentes no uso diário. Ou seja, não se pode afirmar com absoluta certeza que as palavras e expressões que tenham uma característica de gíria apresentadas na telenovela venham a ser de criação exclusiva dos redatores ou apenas uma reutilização de palavras e

expressões que já estão presentes na realidade dos adolescentes. Não se coloca em dúvida quanto à originalidade das ações desenvolvidas para a complexidade da trama, apenas que as gírias podem não terem sido criadas para uso específico da telenovela, e sim, apropriadas por ela, mas já existentes no uso dos adolescentes e popularizadas ainda mais pelo programa.

Seja qual for o método que venha a ser adotado para a criação dos textos do programa, não se deve esquecer de que também se apresentam conceitos pragmáticos, pois as Máximas Conversacionais podem ser constatadas em quaisquer dos casos, pois não se deixa de perceber a intenção em atingir um determinado fim com o uso da linguagem.

Aqui cabe a ressalva da homogeneização dos processos lingüísticos junto aos adolescentes. Caso o programa durante a apresentação dos capítulos, veicule a apropriação e o repasse de gírias utilizadas pelos jovens cariocas – o município do Rio de Janeiro é o local onde ocorrem as gravações de “Malhação”- ocorrerá uma influência na linguagem dos demais adolescentes do resto do país, que passarão a incorporar e a utilizar estas palavras e expressões.

CONCLUSÃO

Não é necessário a comprovação de que a mídia televisiva procura por novos mercados, e que a necessidade de manter os índices de audiência fazem com que seja fundamental a identificação entre o programa veiculado e o seu público-alvo. Atingir os telespectadores é uma questão de sobrevivência para a televisão, pois é através de números expressivos da audiência que ela pode conseguir investimentos econômicos.

A fragmentação dos programas televisivos faz com que seja imprescindível a tentativa de uma aproximação maior entre o veículo e o telespectador ao qual o programa está voltado. E como o programa “Malhação” é considerado uma telenovela direcionada para o público adolescente, é visto como sua principal condição a tentativa representar realidade dos jovens.

E o trabalhar da linguagem é uma forma essencial de conseguir a empatia junto ao público que se deseja. Assim é possível verificar que os princípios da Pragmática, ciência lingüística que ganhou força e identidade no século XX, estão presentes junto ao desenvolvimento dos textos utilizados para a televisão, e que também ganham força devido à representação dramática que acabam recebendo.

O programa “Malhação” não está isolado deste procedimento. Enfatizar se existe uma responsabilidade intencional por parte dos autores do programa em utilizar dos conceitos pragmáticos não é correto, pois não houve forma concreta de comprovação. Mas é importante relevar que ao procurar conseguir a perfeita

interação junto aos seus telespectadores, o uso dos estudos pragmáticos podem ser detectados. Principalmente o Princípios de Cooperação e suas Máximas Conversacionais (de Quantidade, de Qualidade, de Modo e de Relação), teorizados por Grice. O Princípio de Polidez idealizado por Leech, também pode ser constatado na execução da linguagem de “Malhação”.

Na verdade é importante ressaltar que a Pragmática é uma ciência lingüística que deve ser considerada nas áreas de Comunicação e de Educação, pois alicerça o modo de perceber a prática da conversação humana. Principalmente a Pragmática que releva a linguagem nas relações sociais, que se preocupa em perceber não apenas o discurso, mas os usuários e o contexto no qual todos os elementos estão inseridos.

A linguagem televisiva é um fator de influência não apenas no aspecto de incidir valores e comportamentos junto aos adolescentes, mas principalmente em representar a sua realidade no vídeo. Nesta representação audiovisual, a linguagem juvenil não pode ser excluída, pois é ela que consegue criar o elo de interesse e, posteriormente, de interação entre o telespectador e a televisão.

Desta forma, a mídia televisiva, através dos seus programas direcionados aos adolescentes é responsável em acrescentar neologismos e gírias no vocabulário destes telespectadores. A origem da criação destes não pode ser verificada, pois não é possível concluir se os redatores criam por iniciativa própria os termos, ou apenas representam a realidade da fala dos jovens onde o programa é produzido.

Como consequência, os adolescentes incorporam estas novas palavras e expressões veiculadas. As pesquisas mostram que existe este processo, de uma

maneira consciente ou não, o telespectador acaba optando em usar estas novas aquisições. Não fica claro, se este uso é porque outros adolescentes, integrantes dos seu grupo de relações sociais, o fazem – tornando este comportamento “obrigatório” para não ser excluído - ou é uma fato espontâneo. O que se pode constatar de concreto é que existe a apropriação dos termos.

Desta maneira, após a incorporação das palavras e expressões oriundas da televisão, ocorre o uso na prática cotidiana. O adolescente usa da gíria, mas não percebe, necessariamente que o faz. Dentro do seus grupos de interação etário, a presença da gíria é constante.

A questão é que este uso é repassado por muitos adolescentes não apenas nas suas “rodas de amigos”, mas em outros locais que costumam a freqüentar. A instituição escolar é uma deles. Uma vez que o adolescente, além de telespectador, também é estudante, e normalmente está matriculado em uma das séries do Ensino Médio. Assim, a gíria acaba sendo utilizada não apenas no discurso com seus colegas de classe, mas também nas relações interpessoais com professores.

Não foi a preocupação mais evidente trabalho a análise a respeito da visão dos professores em relação à linguagem do adolescente. Apenas foi apresentada uma sugestão que é preciso saber relevar o fato de que o estudante usa da gíria para se comunicar, e que os profissionais em educação devem estar preparados para trabalhar com esta situação.

ANEXO 1 – HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

O Colégio Estadual professor José Guimarães foi fundado na década de 60, no século XX, quando foi construída sua sede própria. As primeiras turmas de alunos eram provenientes da comunidade da Vila Hauer, onde foi edificado. O nome desta instituição educacional é em homenagem ao professor José Guimarães, conhecido docente na década de 40. Primeiramente, era um estabelecimento de ensino que oferecia 1º grau regular e 2º grau profissionalizante, com os cursos de Magistério, Secretariado, Técnico em Contabilidade e em Administração, servindo como ponto de referência na qualidade de ensino técnico em Curitiba, principalmente com o Magistério.

Em 1995, o estabelecimento de ensino aderiu ao Proem – Programa de Reorganização Estrutural do Ensino Médio, iniciando a extinção dos cursos profissionalizantes e iniciando a grade curricular de educação geral. Em 1999, oferece apenas o Ensino Médio nos seus três turnos, destinada à educação de alunos, com mais de quatorze anos e que possuem o ensino fundamental completo. Na época da pesquisa contava com aproximadamente 1.200 alunos.

O colégio está ligado à rede pública de ensino do Estado do Paraná, pertencendo ao Setor ou Área 13 (Boqueirão). Sendo público, é mantido por recursos financeiros provenientes de impostos pagos pela sociedade civil paranaense, além de recursos oriundos da Associação de Pais e mestres – APM vinculada à organização.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO / INDICAÇÃO DE PROGRAMA

Para dar início a este trabalho, foi necessário a realização de uma pesquisa quantitativa que pretendia apontar qual o programa de televisão a que era mais assistido pelos adolescentes pesquisados. Nela também ocorreu a inicial preocupação em perceber se o pesquisado tinha noção do que seria um programa ligado ao jovem e quais estas razões.

Foram realizadas 120 pesquisas com estudantes na faixa etária dos 14 aos 17 anos, apresentando as seguintes questões abertas:

1 - Qual a sua idade?

2 - Qual(is) o(s) programa(s) considerado(s) para adolescentes na televisão brasileira?

3 – Dentre este(s), qual(is) você costuma assistir?

4 – Por que você assiste a ele(s)?

5 – Você reconhece o uso de uma linguagem própria (juvenil) neste(s) programa(s)?

6 – No caso de uma afirmativa na questão anterior, você saberia apontar porque este fato acontece?

7 – Você acredita que esta linguagem utilizadas no(s) programa(s) cria novos termos na linguagem do cotidiano?

8 – Você acredita que os adolescentes atingidos por estas novas palavras/ expressões, utilizam-nas no seu cotidiano? Por quê?

ANEXO 3 – GÍRIAS E NEOLOGISMOS DOS CAPÍTULOS GRAVADOS

As palavras e expressões que foram identificadas pelo autor como gírias durante a exibição do programa *Malhação*, no período de 23 a 27 de outubro de 2000, estão relacionadas abaixo, sem a preocupação de evidenciá-las no campo da significação, retirando-as do contexto de intencionalidade, voltando-se apenas para o seu aspecto de representação. Nestas condições não ficou sendo necessário a tentativa de reprodução da fala das personagens dentro do desenvolvimento do enredo, não sendo preciso a indicação da pontuação dessa situação, mesmo assim ficou representado graficamente a forma como foram foneticamente usadas essas palavras ou expressões. Para o estudo, foram consideradas apenas as palavras e expressões que foram pronunciadas pelas personagens adolescentes por duas razões pertinentes: as personagens adultas procuram se expressar de uma maneira coloquial, porém não em gíria; além da condição de que o telespectador adolescente tem uma empatia maior com as personagens que representam a sua faixa etária.

Programa exibido no dia 23-10-2000.

- ... valeu galera...
- ... deixando as coisas em aberto...
- ... não enche, tá...
- ... tô indo, né...
- ... tá afim de ir com a gente...
- ... não tô a fim de empacar o lance de vocês...
- ... ai que droga...
- ... peguei no flagra...
- ... dá um tempo...

... cê tá certíssimo...
 ... cê tá vacilando, cara...
 ... cê vai se dá bem...
 ... tá legal...
 ... uma não se mete na área da outra...
 ... de jeito nenhum...
 ... prá você sabonetá aqui, não...
 ... cê vai sacá que tem tudo a vê...
 ... fofucha...
 ... dexa comigo...
 ... isso aí, garoto...
 ... a galera daqui gostô de você...
 ... você não se manca, não...
 ... pegando no meu pé...
 ... é um saco...
 ... brincando o caramba...
 ... fica fria...
 ... não esquentá com a cabeça com isso, não...
 ... tô sobrando mesmo, né cara...

Programa exibido no dia 24-10-2000.

... vou fazer uma coisa ligada a computador, assim...
 ... que é isso...
 ... não tô levando fé...
 ... não tem nem lugar pra mim...
 ... nem pensar...
 ... largar do meu pé, não, heim...
 ... perder tempo...
 ... não tô nem aí...
 ... na casa de vocês eu tava sobrando...
 ... perai, moço, perai...
 ... então fala aí...
 ... cê tá mandona, heim...
 ... fala, galera...
 ... garoto esperto...
 ... sai alguma coisinha dessa cabeça podre...
 ... fazer a cabeça...
 ... de jeito nenhum...
 ... toma um jeito na vida...

Programa exibido no dia 25-10-2000.

... a casa de vocês não dá prá mim...
 ... meio desperdício você fazer carreira aqui...

... vai à luta...
 ... estudá prá caramba...
 ... se dá bem...
 ... ihhhh! rapaiz...
 ... pô, gente...
 ... conversando com ela o maió tempão...
 ... uma amizade vale muito mais a pena...
 ... está sempre antenado às ultimas...
 ... sem quere me mete, mas já me metendo..

Programa exibido no dia 26-10-2000.

... fofucha...
 ... fosse tão legal assim...
 ... minha mãe tá uma arara...
 ... supergente boa, ela...
 ... é legal mesmo? ...
 ... nem dá patada...
 ... tô te estranhando...
 ... como é que ele fica nessa história...
 ... dexa ela prá lá...
 ... e aí...
 ... dando chilique...
 ... um gatinho tão fofuchinho...
 ... já é uma barra...
 ... vô segurá a onda...
 ... vié de implicância prá cima de mim...
 ... falô, espertona...
 ... desgruda, desgruda...
 ... consegui se inturamá...
 ... só paga mico...
 ... embarreirando minha faculdade...
 ... ficá enchendo meu saco...
 ... cê gosta um monte...
 ... o que que tá pegando...
 ... tô dentraço, tô dentraço...
 ... pode contá comigo, viu...
 ... de jeito nenhum...

Programa exibido no dia 27-10-2000.

... cê tá estranha...
 ... eu já estou decididíssimo...
 ... embarquei com segurança...
 ... pera aí...

... saco...
... esse sermão, (...) já me passou...
... tenho que batalhá, estudá, corrê atrás...
... tá dando a maior grana...
... pensou naquele lance que eu te falei...
... acabei sujando tua barra...
... nem pensá...
... vai começa a regulação...
... que tal meu modelito...
... veio bem a calhá...
... ficá do lado dele...
... e aí, beleza? ...
... vai se superdivertido...
... só porque ela deu força prá...
... ela é gente finíssima...
... ô, minha rainha...
... tava mó locura...

ANEXO 4 – ANÁLISE DA LINGUAGEM

Após a obtenção e elencação das palavras e expressões que foram identificadas como gírias durante a exibição do programa Malhação, no período de 23 a 27 de outubro de 2000, estas foram apresentadas a um grupo de estudantes que têm o hábito de assistir ao programa para se tentar verificar se é possível eles reconhecerem-nas. Foi mostrada uma lista que continha a relação das palavras e expressões e, após uma leitura, foram questionados quatro pontos:

- 1) reconhecimento das alguma das palavras ou expressões como gíria;
- 2) se a pessoa entrevistada as utiliza;
- 3) se conhece alguém que participa do seu grupo de amigos que as utilizam;
- 4) reconhecer de qual programa televisivo elas seriam, justificando o porquê.

Foi realizada uma pesquisa quantitativa com questões abertas, aplicada junto a 25 estudantes de um estabelecimento educacional de Ensino Médio da Rede Pública Estadual. Após tabulação e a análise dos dados, constatou-se que todos reconhecem as palavras e expressões como gírias. E utilizam estas palavras e expressões, mas apenas algumas delas e em determinadas situações. Todos constataram que possuem amigos que fazem parte do seu grupo que as utilizam. Boa parte reconheceu que o programa do qual elas foram retiradas é o "Malhação", devido à palavra "fofucha".

Assim, ainda busca-se o estudo de campo junto ao estabelecimento de ensino da pesquisa para verificar exemplos lingüísticos que foram influenciados

pelo programa "Malhação", além de procurar verificar as possíveis influências lingüísticas nas relações cotidianas entre os adolescentes e também entre estudantes e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE, Luiza Maria. *Coleção base: português*. São Paulo: Moderna, 1999.
2. ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
3. BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de psicologia escolar*. São Paulo: Ática, 1993.
4. BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens – introdução à Comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. Petrópolis: Vozes, 1984.
5. BORDENAVE, Juan Diaz / PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1995.
6. BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
7. BRAM, Joseph. *Linguagem e sociedade*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1968.
8. BULIK, Linda. *Doutrina da informação: no mundo de hoje*. São Paulo: Loyola, 1990.
9. CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. São Paulo: Ática, 1985.
10. CARPENTER, Edmund e McLUHAM, Marshall - orgs. *Revolução na comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
11. CHIAPPINI, Ligia - coord. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997.
12. COHNOS, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.
13. DEELY, John. *Semiótica básica*. São Paulo: Ática, 1990.
14. DeFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

15. DIZARD, Wilson P. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
16. ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
17. ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola; educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
18. FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
19. FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
20. GELICES, Feliciano Lorenzo. *A televisão*. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979.
21. GOMES, Cândido. *A educação em perspectiva sociológica*. São Paulo: EPU, 1985.
22. HALLIDAY, Tereza Lúcia. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
23. INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. São Paulo: Scipione, 1998.
24. KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2000.
25. LEECH, Geoffrey. *Principles of pragmatics*. Essex: Longman, 1983.
26. LEFÉBVRE, Henri. *A linguagem e a sociedade*. Lisboa: Ulisseia, 1966.
27. LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
28. LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez, 1995.
29. MANASSÉS, Branca - org. *Tecnologia da educação: uma introdução aos estudos dos meios*. Rio de Janeiro: Livros Técnico e Científicos, 1980.
30. MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
31. MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

32. MATUCK, Artur. *O potencial dialógico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.
33. McLUHAM, Marshall. *Do clichê ao arquétipo*. Rio de Janeiro: Record, 1973.
34. MELO, José Marques de. *Telemania, anestésico social*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
35. _____ . *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1995.
36. OLIVEIRA, Jair Antonio de. *As dimensões pragmáticas da comunicação jornalística*. São Paulo: ECA/USP, 1999.
37. OLIVEIRA, Roberto cardoso de – org. *Mito e linguagem social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ed., 1970.
38. PACHECO, Elza Dias - org. *Comunicação e educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo: Loyola, 1991.
39. _____ - org. *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas: Papirus, 1988.
40. PENTEADO, José Roberto Whitaker, *A técnica da comunicação humana*. São Paulo: Pioneira, 1993.
41. PRADO, João Rodolfo do. *TV quem vê quem*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
42. RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude: uma pesquisa geosociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.
43. RIZZINI, Irma. *Pesquisando...guia de metodologia de pesquisa para programas sociais*. Rio de Janeiro: USU ed. Universitária, 1999.
44. ROCCO, Maria Tereza Fraga. *A linguagem autoritária*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
45. ROSA, Sanny S. da. *Construtivismo e mudança*. São Paulo: Cortes, 1994.
46. SANTOS, Reinaldo. *Vade-mécum de comunicação*. Rio de Janeiro: Trabalhistas, 1979.
47. SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de história da educação*. São Paulo: Nacional, 1971.

48. SARTORI in GIOVANNINI, Giovanni - coord. *Evolução na comunicação; do sílex ao sílício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
49. SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 2000.
50. _____ . *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.
51. TILBURG, João Luís Van. *Para uma leitura crítica da televisão*. São Paulo: Paulinas, 1984.
52. TOBIAS, José Antônio. *Como fazer sua pesquisa*. São Paulo: AM edições, 1992.
53. VIDOR, Alécio e SEIBUT, Vicente A. *Natureza humana e educação*. Frederico Westphalen: URI, 1998.
54. WARDE, Mirian Jorge. *Educação e estrutura social*. São Paulo: Moraes, 1983.
55. WERTHEING, Jorge - org. *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo: Nacional, 1979.
56. www.redeglobo.com.br
57. www.redeglobo.com.br/malhacao